



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO**

GABRIELA VENÂNCIO SANTANA BALEEIRO

**A MODA AFRO EM PAUTA NO WEBDOC
NEGOCIAÇÕES DE SENTIDOS DA ESTÉTICA DIASPÓRICA A PARTIR
DO PROJETO DE UMA NARRATIVA MULTIMÍDIA
Memorial**

Salvador
2013.1

GABRIELA VENÂNCIO SANTANA BALEEIRO

A MODA AFRO EM PAUTA NO WEBDOC
NEGOCIAÇÕES DE SENTIDOS DA ESTÉTICA DIASPÓRICA A PARTIR
DO PROJETO DE UMA NARRATIVA MULTIMÍDIA
Memorial

Memorial descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso – projeto apresentado como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Mahomed Bamba

Salvador
2013.1

Dedico este trabalho aos meus pais. Por tudo.

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai para as duas pessoas sem as quais eu nem existiria: os meus pais. Mãe, pai, obrigada por absolutamente tudo, eu amo muito vocês.

O segundo e não menos importante vai para uma pessoa também muito amada e que me apoiou incondicionalmente não só durante a execução deste TCC, mas em tudo o que já fiz na vida: meu irmão, Rafael.

Agradeço também aos familiares e amigos que sempre torceram por minhas conquistas e continuam desejando o melhor para mim: vocês me fazem continuar a minha jornada sorrindo.

Não posso deixar de agradecer a vida e aos seus acasos, que me ensinaram nos últimos anos que nada acontece em vão ou por acaso, e, por isso, me fizeram crescer em um ritmo que ainda tento acompanhar.

Agradeço os Professores Mahomed Bamba e José Francisco Serafim por terem me recebido em seu grupo de pesquisa, onde pude me encontrar enquanto estudante de Comunicação e dar os primeiros passos referentes a este trabalho.

A este primeiro docente, agradeço principalmente por ter me acolhido como orientanda e por sempre ter me encorajado a concretizar os meus projetos, nunca recuando diante de nenhuma nova e inusitada ideia que lhe apresentei.

A cada pessoa entrevistada por ter aberto as portas de suas casas e locais de trabalho para me contar um pouco sobre a sua história e falar sobre o tema deste projeto. Pela confiança que depositaram em mim, dou o meu agradecimento de coração.

A todos os artistas, fotógrafos, jornalistas, cineastas, documentaristas, escritores que, de uma forma ou de outra, escolheram retratar um mundo que ninguém quer retratar, tornando visível o invisível – quando descubro o trabalho de vocês me inspiro e me motiva a buscar sempre o “extra” no que é ordinário.

Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração.

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca detalhar e registrar as etapas da construção do projeto de um webdocumentário sobre Moda Afro na cidade de Salvador. Com a proposta de retratar a moda sob uma perspectiva diferente da qual estamos acostumados a ver nos meios hegemônicos de comunicação, este é o projeto de um futuro registro de histórias de pessoas que se relacionam, de alguma forma, à Moda Afro baiana. Esse registro será feito através da reunião de conteúdo multimídia (imagens, textos e, principalmente, vídeos) na internet, consolidando, assim, como webdocumentário. Por ser um produto que busca investimentos, este trabalho busca explicar as propostas e futuras fases de execução do webdoc em questão. Neste projeto será feita uma breve conceituação do tema moda afro e do formato webdocumentário. Com base em entrevistas feitas com profissionais da Moda Afro em Salvador, com pessoas que estudam a temática e com outras que se identificam com esta estética, será apresentado no presente trabalho um esboço de como se dará a narrativa multimídia sobre a temática. O memorial ainda esclarece sutilezas desse processo de idealização do webdoc, com o intuito de esclarecer as intenções e objetivos deste trabalho.

Palavras chave: Moda Afro, Webdocumentário, Cultura, Salvador.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. TEMA	9
2.1. JUSTIFICATIVA	9
2.2. MODA: MUITO ALÉM DO VESTIR	10
2.3. A DIÁSPORA AFRICANA NO CAMPO DAS EXPRESSÕES	11
2.4. O MÚLTIPLO CENÁRIO DA MODA AFRO EM SALVADOR	14
2.5. MODA AFRO: COMO DOCUMENTAR UM TEMA TÃO VASTO?	16
3. FORMATO.....	18
3.1. WEBDOCUMENTÁRIO, UMA INOVADORA NARRATIVA MULTIMÍDIA	18
3.2. ANÁLISE DE SIMILARES: IDENTIFICANDO POSSÍVEIS RECURSOS E ESTILOS PARA A REALIZAÇÃO DE UM WEBDOC	21
3.3. ESTRUTURA DO PRODUTO E PLANEJAMENTO DE SUA REALIZAÇÃO	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
A MODA AFRO EM PAUTA NO WEBDOC - APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE UM WEBDOCUMENTÁRIO	35
APRESENTAÇÃO.....	36
FORMATO.....	36
PÚBLICO ALVO.....	36
ROTEIRO DE FILMAGENS.....	37
RECURSOS NECESSÁRIOS.....	37
CRONOGRAMA.....	38
ORÇAMENTO.....	39
LAYOUT.....	40
ENTREVISTAS REALIZADAS.....	41
APÊNDICE.....	55

1 INTRODUÇÃO

Estruturar e detalhar a construção de um projeto de um webdocumentário sobre Moda Afro em Salvador. Com este objetivo realizo como Trabalho de Conclusão de Curso um projeto de um webdoc sobre o tema. Ao longo deste memorial, detalharei sobre os passos já dados em relação à execução deste webdoc, que, a meu ver, começou quando passei a idealizá-lo e, portanto, já saiu da mera forma de projeto.

A organização do memorial funcionará com um tópico específico sobre Moda Afro, onde será feita uma breve conceituação do tema, buscando relacioná-lo com noções que permeiam o seu conceito, como identidade, afirmação, diáspora africana e moda como comportamento e forma de comunicação. Será dada, neste tópico, atenção especial às descobertas já feitas em relação à temática por meio de leituras específicas e, principalmente, através das entrevistas realizadas.

Falar sobre o formato escolhido para o meu projeto é também fundamental. Neste memorial, farei uma breve conceituação sobre webdocumentário após relatar como surgiu o meu interesse por esta prática. Farei também uma análise de produtos similares, a partir da qual me norteio para produzir o meu webdoc. Nesta seção, será exemplificado o recurso crucial de todo webdoc, a interatividade. Buscarei identificar quais recursos nestes trabalhos similares que gostaria de incluir em meu webdoc.

Após esse levantamento, estruturarei o meu webdoc e tratarei de algumas etapas referentes ao seu planejamento. Neste tópico, será possível ter uma ideia mais concreta do que pretendo com a realização do meu webdocumentário e como será a sua forma. Exemplificarei como se darão as páginas constituintes do seu site e as suas respectivas funções. Este tópico terá a finalidade de delimitar melhor o projeto e esclarecer os seus formatos e pretensões.

A apresentação do projeto do webdocumentário, produto deste TCC, foi incluída também no presente documento. Nesta seção, podem ser encontradas todas as principais informações e dados adicionais sobre este projeto. Esta apresentação servirá de base para um futuro projeto de captação de recursos para a realização deste webdoc. Após as considerações finais e referências, é possível conferir uma apresentação do projeto, assim como o primeiro *layout* de uma das páginas do webdocumentário e as entrevistas na íntegra feitas com as estilistas Madalena e Najara Black e com a antropóloga Goli Guerreiro.

A ideia é mostrar que a realização deste webdocumentário é bem possível, mostrando que os primeiros passos já foram dados e que este se constitui, portanto, como um projeto já bem definido dentro de suas propostas e possibilidades de execução.

2 TEMA

2.1 Justificativa

Foi durante uma prática de estágio que surgiu o interesse de produzir um conteúdo referente à Moda Afro em Salvador. Durante essa experiência, tive a oportunidade de trabalhar com moda diariamente durante sete meses, e ao longo deste período, não produzi nenhum conteúdo relativo à Moda Afro. Estagiava em um portal de notícias de Salvador e era responsável, juntamente com outra repórter, pela atualização do canal de moda do site. Nunca, neste período, fiz alguma pauta referente à estética afro, que, até para os olhos de quem não mora em Salvador, esta é uma expressão que caracteriza a cidade.

As pautas deste canal eram em geral direcionadas a tendências lançadas por grandes grifes internacionais e algumas nacionais, *looks* usados por famosas e, quando existia uma pauta voltada para a capital baiana, era em geral o lançamento de alguma marca que não trabalhava com a estética afro. Ou seja, os conteúdos que produzi nunca englobavam a moda que não participasse deste circuito *fashion* eleito pelo veículo, como era o caso da Moda Afro. Comecei a me questionar porque isso acontecia, pois acreditava que essa era uma expressão forte no cenário da moda local, e surgiu a vontade de produzir algum conteúdo referente ao tema.

Como me encontrava, neste mesmo período da prática de estágio, no momento de reformulação do meu Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade, vi que eu poderia preencher esta lacuna na produção de conteúdo em relação ao tema através da realização do meu projeto. Antes de decidir sobre o formato do webdocumentário, que foi o formato escolhido no meu primeiro anteprojeto, pensei na possibilidade de produzir um caderno especial sobre Moda Afro. Mas a minha insistência na produção de conteúdos voltados para web, me fez considerar a execução de uma espécie de revista digital sobre o tema. Mas eu ainda não estava satisfeita. O meu interesse por cinema e documentário havia crescido nos últimos anos de faculdade e o desejo de produzir um TCC na área já era antigo.

Foi então que regressei ao formato do webdoc, e logo nas primeiras etapas de idealização do meu projeto percebi que não poderia trabalhar o tema escolhido de forma tão completa se tivesse escolhido outro formato ou gênero. Esta minha identificação com o formato do webdocumentário sempre persistiu enquanto possibilidade de se tornar o meu TCC, como explicarei melhor sobre isso no tópico de número 3 do presente memorial.

Acredito que me interesse por Moda Afro porque me desinteresse por tudo que signifique estabelecimento nesse mundo. Narrativizar o que é hegemônico e o que domina as formas de poder foi algo que nunca me atraiu na minha vida acadêmica. Ao estagiar em uma editoria jornalística de moda, ficou claro que neste campo de produção a primeira regra é sempre a do consumo, pilar que sustenta o que é estabelecido no mundo em que vivemos. A Moda Afro, por sua vez, consegue desmanchar tudo o que é estabelecido no mundo da moda. Propõe novas formas de se relacionar com algo tão material e por isso próprio da lógica consumista, que é a vestimenta.

O *vestir* dentro da estética afro ganha significados que vão muito além do simples ato de comprar uma roupa e usá-la. Durante as minhas investigações iniciais sobre o tema, pude descobrir que a Moda Afro rema mesmo contra a maré: não está no que é estabelecido e nem se propõe a tal. A Moda Afro pode ser mais do que uma proposta de indumentária, pode se apresentar como um modo de ser, e este modo de ser se destaca por buscar atravessar tudo o que é hegemônico, trazendo uma possibilidade mais rica neste jogo de criar sentido, de comunicar algo através da forma como nos vestimos. E é por acreditar em tudo isso que me debrucei sobre este tema em meu trabalho de conclusão de curso.

2.2 Moda: muito além do vestir

Para entender a história do homem, uma ferramenta de grande importância para as ciências sociais são as vestimentas usadas pelos povos ao longo de sua evolução. O *vestir* foi sendo percebido como algo cada vez mais complexo e cheio de significados que reverberam no plano social. Isso porque dos muitos símbolos e expressões, a roupa é uma das mais importantes linguagens não verbalizadas que atua na vida das pessoas. Através dela, é possível se comunicar com o outro.

Em seus estudos semiológicos, Roland Barthes se dedicou a refletir sobre a significação do ato de se vestir:

Muitos sistemas semiológicos (objetos, gestos, imagem) tem uma substância da expressão cujo ser não está na significação: são, muitas vezes, objetos de uso, derivados pela sociedade para fins de significação: a roupa serve para nossa proteção, a comida para nossa alimentação, ainda quando, na verdade, sirvam também para significar. (BARTHES, 1985, p. 44).

Nesse sentido afirma Jean Baudrillard que “se modernidade define-se pela hegemonia do código, a moda, enquanto dimensão total dos signos é sua instância emblemática” (BAUDRILLARD, 1996). Isso porque, para este teórico, a moda constitui uma ruptura

profunda no pensamento discursivo, sendo capaz de desarticular o esquema tradicional da representações. Podemos estender esta reflexão do ato de se vestir para o âmbito do estético do posicionamento dos corpos na sociedade. Ainda para Baudrillard,

a moda adquire hoje o sentido de uma estratégia corporal na busca de mais expressão, propiciando movimentos de simulação e dissimulação, aumentando o poder do corpo de afetar e ser afetado. (BAUDRILLARD, apud SANTAELLA, 2002, p.118).

Isso significa que a moda atua fortemente na exposição e do compartilhamento de expressões. Falar da moda é também discutir sobre os processos que a faz funcionar em meio a uma sociedade contemporânea que é classificada por variadas denominações, como Sociedade do Consumo (BAUDRILLARD, 1999), sociedades de controle (DELEUZE, 2000) e sociedade do Espetáculo (DEBORD, 1997). Pensando nestes termos, podemos chegar a uma visão um pouco reducionista do ato de se vestir, vinculando-o apenas ao consumo e à normatização. "Entretanto, ao mesmo tempo em que é produto do capitalismo, a moda também funciona como índice, e até mesmo como sintoma, de suas diferentes faces históricas" (SANTAELLA, 2004).

Indo além, podemos ainda entender o ato de se vestir como um modo de comunicar-se. Em entrevista para o site Link Recôncavo¹, a pesquisadora de moda Renata Pitombo, afirma que a moda é sim um vetor de comunicação. "A moda é um elemento potencializador da maneira de ser. As primeiras manifestações que tenho do outro é pela forma como ele se veste, assim posso identificá-lo", afirma. Ainda para a pesquisadora, nós assumimos um papel cada vez mais autônomo e próprio no ato de nos vestir. "O consumidor contemporâneo, liberto das impositivas tendências, passa a ter um comportamento mais autoral em relação as suas escolhas" (PITOMBO, 2008).

Pode-se então transitar por diversas possibilidades de sentidos quando falamos de moda. Ela não deixa de ter um papel importante nas relações humanas e no posicionamento do homem no contexto em que vive. No caso da moda afro em particular, os diálogos e sentidos que ela consegue promover são muito vastos e plurais. E isto é assunto para os próximos itens desta discussão sobre o tema.

2.3 A diáspora africana no campo das expressões

¹ Disponível em <http://www.ufrb.edu.br/linkreconcavo/2008/11/06/entrevista-com-renata-pitombo-cidreira-%E2%80%9Ca-moda-e-um-vetor-de-comunicacao%E2%80%9D/>

Para compreender melhor o tema de meu webdocumentário, é imprescindível se aproximar de noções que perpassam pela Moda Afro. A reflexão sobre a moda e as suas possíveis interpretações enquanto tema já foi aqui feita, faz-se necessário agora levantar algumas questões sobre a moda enquanto expressão no universo afro.

Uma das primeiras noções que surge neste contexto é a de culturas híbridas, conceito introduzido por Stuart Hall, que se propôs pensar a identidade cultural na pós-modernidade. Segundo o autor, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2003). Este contexto é resultado da globalização e o autor explica que a pluralidade de identidades ainda é algo ignorado pela chamada cultura dominante:

Também há algumas evidências da terceira consequência possível da globalização — a produção de novas identidades. Um bom exemplo é, o das novas identidades que emergiram nos anos 70, agrupadas ao redor do significante black, o qual, no contexto britânico, fornece um novo foco de identificação tanto para as comunidades afrocaribenhas quanto para as asiáticas. O que essas comunidades têm em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade black, não é que elas sejam, cultural, étnica, linguística ou mesmo fisicamente, a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas como "a mesma coisa" (isto é, não-brancas, como o "outro") pela cultura dominante. (HALL, 2003, p. 25).

Hall diz que a reflexão sobre as identidades na era da globalização pode cair no que chama de “falso dilema”: pensar que a identidade em trânsito está “retornando às suas "raízes" ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização” (HALL, 2003). Mas o autor mostra que existe a possibilidade de enxergar esse processo dentro de uma lógica que intitula de “tradução”. Segundo Hall, pessoas que saíram para sempre de sua terra natal são “irrevogavelmente traduzidas”.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. (HALL, 2006, p.89).

O autor entende que as pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* “não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma "casa" particular)” (HALL, 2003). A questão das culturas híbridas é muito pensada também no contexto latino-americano. Isso porque o trânsito de culturas se dá

aqui de forma mais plural do que em outros lugares, devido à própria história de intensa miscigenação pela qual passou a América Latina.

Como afirma o antropólogo argentino Néstor García Canclini, os processos históricos pelos quais a América Latina passou são marcados por “uma abrupta interpenetração e coexistência de culturas estrangeiras e dissimiles” (CANCLINI, 1997). Segundo o autor, foram desenvolvidas ao longo do século XX diversas terminologias para designar estes processos, como “ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e hibridismo”. (CANCLINI, 1997).

Podemos também deslocar esta discussão sobre o caráter híbrido da cultura para o Atlântico Negro. Este último termo, pensado no livro “O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência”, do autor Paul Gilroy, refere-se metaforicamente às “estruturas transnacionais criadas na modernidade que se desenvolveram e deram origem à um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais” (GILROY, 2001). Segundo o autor, a formação dessa rede possibilitou que as populações negras durante a diáspora africana formassem uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como caribenha, africana, americana, ou britânica, mas todas elas ao mesmo tempo.

Ou seja, esta seria uma cultura que pelo seu caráter híbrido não se limita às fronteiras étnicas ou nacionais. Gilroy fala ainda da formação de uma “transcultura negra”, que teria o objetivo de unir as experiências e os interesses dos negros em várias partes do mundo. Podemos identificar essa articulação muito presente no cenário soteropolitano. Salvador, que também é conhecida como “Roma Negra”, é a cidade brasileira com maior número de negros: são 743,7 mil pessoas, segundo o Censo de 2010, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Esses dados acerca da capital baiana são conhecidos mundialmente e a cidade também é conhecida pela forte produção de uma cultura com matriz africana. As diversas expressões afro se firmaram em solos baianos muito por conta dessa grande concentração da população negra na cidade. Cabe neste trabalho, portanto, reconhecer que as matrizes culturais africanas estão presentes não só na cor da pele dos soteropolitanos, mas também fazem parte de suas formas de expressão.

Diante dessa constatação, é possível afirmar que a questão da identidade étnica em Salvador foi sendo delimitada também no cenário da moda local? De quais formas a moda afro se apresenta na capital mais negra do país? Como o imaginário em torno deste tema é negociado aqui? Foram estas algumas das perguntas iniciais que me conduziram e me

instigaram a me aprofundar melhor nesta temática, que será melhor detalhada nos seguintes itens deste memorial.

2.4 O múltiplo cenário da Moda Afro em Salvador

Ao longo desse processo de investigação inicial acerca do tema, entrevistei algumas pessoas que compõem o cenário da moda afro em Salvador. As opiniões sobre este estilo de vestir são as mais diversas possíveis. Buscarei neste tópico pontuar algumas das visões que me chamaram a atenção nessa fase introdutória de pesquisas e nas entrevistas realizadas.

Para a antropóloga Goli Guerreiro, autora dos livros “A Trama dos Tambores” e “Terceira Diáspora” e uma das fontes já entrevistadas por mim, a Moda Afro não necessariamente está ligada a afirmação de identidade. "Se vestir assim tem a ver com atitude, que não necessariamente está ligada a uma afirmação de uma identidade, mas pode ser um culto à beleza, pode ser um culto a outras culturas", afirma. Goli acredita que não tem como chegar a uma razão que explique a identificação das pessoas com a estética afro. "Os motivos pelo qual as pessoas usam as roupas que usam são muito variados", afirma. Para a antropóloga, você pode fazer um trançado afro no cabelo, mas não significa que por isso você está querendo afirmar a sua etnia. Segundo Goli, você pode simplesmente se identificar com este estilo porque ele satisfaz o seu gosto, ou seja, pode ser uma afinidade que se dá puramente no plano estético.

Essa é uma opinião que nunca ouviríamos, por exemplo, de Negra Jhô, artesã capilar de grande renome em Salvador. A mestre nos trançados e penteados afro, chama a atenção do mundo para a capital baiana não só pela sua arte com as mais diversas tranças, torços e turbantes. A forma como ela promove o seu trabalho é reconhecida internacionalmente pelo fato da artesã afirmá-lo como uma forma de "manter a cultura africana viva, preservando os valores étnicos do seu povo", como pode ser lido em sua nota biográfica em seu site pessoal². Mais famosa artista das chamadas "cabeças feitas" em Salvador, Negra Jhô acredita que, quando algum turista branco e de cabelo liso trança o seu cabelo em seu salão no Pelourinho, o que inclusive acontece com grande frequência, ele está, na verdade, "reconhecendo e reverenciando" a sua cultura, em suas próprias palavras. Como grande personalidade da cultura afro na cidade, Negra Jhô ainda afirma que com o seu trabalho procura sempre "contribuir para a emancipação da identidade negra e para a auto valorização de sua cor".

² Disponível em <http://negrajho.blogspot.com.br/>

Tanto as afirmações de Goli quanto as de Negra Jhô podem ser ouvidas por outras pessoas que participam do cenário da Moda afro na cidade. Para Madalena Bispo, designer de moda e proprietária da loja Negrif, especializada em moda afro, a forma como as pessoas negras estilizam os seus cabelos está intimamente ligada a auto afirmação. “Quase todo negro que eu conheço já fez de tudo com o cabelo. A sociedade tem mudado, a gente não usou o nosso cabelo *black* desde sempre”, afirmou a estilista na entrevista que pode ser conferida na íntegra no apêndice deste memorial. Izabel Melo, historiadora e adepta da Moda Afro, também entrevistada por mim, acredita que, ao se vestir dessa forma, ela está, em suas próprias palavras, “exercitando” sua identidade.

Já Najara Black, outra entrevistada neste trabalho, também designer de moda e proprietária da N Black, acredita que a afirmação da identidade negra deve começar em um plano já mais prático, como no mercado de trabalho. “Nós devemos mostrar que somos qualificados, que temos espaço em tudo. Tem que tirar da cabeça que porque é negro está sofrendo preconceito”, afirma a estilista.

A história dos blocos afro na cidade de Salvador também não pode ser ignorada neste cenário da moda afro local. Este grupo carnavalesco que surgiu na década de 70 na cidade busca resgatar nas vestimentas, instrumentos musicais e em sua sonoridade os principais aspectos da herança cultural africana. Segundo Dete Lima, estilista e diretora fundadora do primeiro bloco afro de Salvador, o Ilê Aiyê, as roupas do bloco carregam significados de afirmação da identidade negra em seus formatos e cores. A existência desses blocos, portanto, constitui um dos mais fortes imaginários em torno da cultura afro baiana.

Hoje, a moda afro que se faz aqui é vasta: existem estilistas que possuem traços mais tradicionais, que lembram mesmo uma vestimenta afro e mantêm os seus trabalhos próximos deste imaginário que surgiu com os blocos afros da cidade. Goya Lopes, criadora da grife Didara, é uma das estilistas que busca preservar este lado tradicional na moda afro. A estilista busca em seus cortes e estamparias contar a história e os resultados da diáspora africana. “O meu papel é o de contar uma história, disseminar a descendência a partir do belo, através das cores e dos traços”, afirmou a estilista em entrevista para a Revista B+³. Mas, ao mesmo tempo, a Moda Afro daqui consegue ser também contemporânea, como acontece com as peças de Najara Black, que dialogam com a cultura urbana, buscando referências no *hip-hop*, por exemplo.

³ Disponível em http://www.revistabmais.com.br/upload/revista_B_ed17_site%20%281%29.pdf

É importante compreender que esses elementos mais deslocados de uma tradição puramente africana não deixam de fazer parte do cenário da Moda Afro daqui. A questão é que são muitas as vozes quando o assunto é Moda Afro em Salvador. E, durante essas pesquisas e entrevistas iniciais feitas, percebi que não posso conduzir a construção de meu webdocumentário apenas por uma discussão. O campo da moda pode ser sim um campo de batalha para se afirmar identidades, como já foi inclusive discutido neste trabalho, quando se falou da identidade diaspórica como um recurso de memória, para mostrar de onde se vem. Mas são muitos os imaginários que circulam pela noção da Moda Afro. Mostrar como ela se negocia em Salvador pode ser feita através da simples apresentação desse cenário múltiplo, sem tentar forçar conclusões. Essa é a reflexão que faço no próximo tópico.

2.5 Moda Afro: como documentar um tema tão vasto?

Como já foi dito no tópico anterior, são diversas as personalidades que integram o cenário da Moda Afro em Salvador. Durante as investigações iniciais acerca desta temática, cheguei primeiramente aos nomes dos estilistas mais consagrados neste campo e depois fui descobrindo novas fontes, novos rostos que também compõem este meio. O que posso afirmar novamente é que este é um mundo que surpreende pela sua pluralidade e vastidão das suas diversas maneiras de expressão. Essa busca por personagens que comporiam o meu webdoc me fez, portanto, perceber que o que eu entendia até então por Moda Afro em Salvador era só uma pequena ponta do iceberg, pois pude descobrir que este é um grande universo com as mais diferentes pessoas que o constitui.

Nas primeiras leituras e até mesmo nas entrevistas que fiz eu cometi o erro inicial de buscar uma unidade sobre a temática, chegando até a conduzir a conversa com o entrevistado para uma espécie de análise e conclusão definitiva sobre o tema. Felizmente, pude logo perceber que estava diante de um mundo tão vasto que seria impossível chegar a uma unidade diante de tantas opiniões. Ou seja, percebi que neste meu papel de documentarista, não cabe a mim forçar a conclusão que quero ouvir naquele momento das pessoas que compõem a minha narrativa. Passei a compreender que preciso mesmo ser surpreendida por novas respostas, por diferentes visões de mundo e permitir que o leitor se surpreenda com isso também. Acredito que fazer documentário deste modo seria, portanto, uma proposta de explorar o real a partir das diversas maneiras em que ele se apresenta.

É importante também saber que, diante dessa imensa pluralidade de vozes em relação ao tema, não podemos dar destaque a uma voz sobre outra. Todas devem ser ouvidas e

consideradas, pois todas fazem parte deste vasto cenário da cultura afro soteropolitana. Buscar uma unidade sobre a temática, não seria, então, o objetivo deste trabalho. A ideia é justamente ouvir as mais diversas vozes e posições, buscar olhares cruzados, me surpreender durante a realização do webdocumentário ao descobrir novos personagens e possibilidades de narrativa, ou seja, buscarei construir o meu webdoc a partir da apresentação deste vasto mundo, que seria o da Moda Afro na cidade.

Acredito que não podemos nunca selecionar uma "verdade" ou dar destaque a um olhar quando nos propomos a apresentar um tema que possui visões tão múltiplas. Não buscarei, portanto, colocar as opiniões como divergentes em minha narrativa: vou apenas apresentá-las, sem chocá-las ou sobrepor uma a outra. O tema do meu webdoc, portanto, ficará muito nas mãos do receptor, que não só atuará no plano interativo do webdocumentário, a partir da possibilidade de escolha de como assisti-lo, mas estará livre para pensar o que quiser sobre o assunto, diante de uma forma múltipla e vasta que tentarei apresentá-lo.

Durante esse processo inicial de pesquisas e de entrevistas, já consegui entender que, neste webdocumentário, é dessa forma que pretendo proceder durante a sua execução: aceitando novas e diferentes descobertas sobre o meu tema, sem nunca tentar forçar nenhum tipo de resultado ou conclusão. Não estou fazendo nenhuma tese sobre o tema, estou apenas construindo um produto audiovisual para a web onde pretendo promover o diálogo dessas vozes em torno da temática da Moda Afro em Salvador. E acredito que apresentar a temática dessa forma plural, inserindo na narrativa os mais diversos personagens e contextos, possibilita inclusive que o leitor tenha uma leitura mais rica sobre o cenário da Moda Afro soteropolitana.

Dentro dessa tentativa de fugir da busca de uma unidade sobre o tema, tentarei no meu fazer documental me permitir descobrir novos locais, pessoas, formas e expressões da Moda Afro em Salvador. Isso se dará concretamente em minha imersão neste universo sem opiniões pré-estabelecidas. Caminhar pelas ruas, conhecer pessoas que se destaquem da multidão por causa de sua identificação com essa forma de expressão. Conversar com anônimos e perceber que eles podem ter um nome e um lugar em meu webdoc, pelo fato de que suas identidades passeiam pelo mundo da expressão afro. Chegar a novas pessoas a partir de conversas com outras, permitir que o fazer desse documentário se dê pelo caminho da espontaneidade que corre atrás da descoberta. Isso tudo fará parte do meu processo criativo e da forma em que meu webdoc se moldará.

O objetivo é, então, documentar essas descobertas e levá-las para serem experienciadas na forma fragmentada, interativa e construtiva em que se dá a experiência do

webdocumentário, linguagem que escolhi para retratar este tema e que é assunto do próximo tópico do presente memorial.

3 FORMATO

3.1 Webdocumentário, uma inovadora narrativa multimídia

Foi depois de voltar de uma viagem que fiz a Cuba em janeiro e fevereiro de 2012 que a vontade de fazer um projeto em forma de narrativa visual surgiu em mim. Durante a viagem, eu tive a oportunidade de conhecer e entrevistar alguns imigrantes japoneses que vivem em Cuba desde antes da Revolução Cubana. As entrevistas fariam parte de um documentário que uma amiga cineasta estava fazendo com o apoio da TV pública do Uruguay e da Casa de la Amistad Uruguay-Cuba. Ao acompanhá-la e auxiliá-la nas gravações e entrevistas, percebi que a história destes imigrantes nunca havia sido contada, ou pelo menos, era pouco conhecida, principalmente fora da ilha socialista. Foi a partir desta experiência que surgiu em mim a vontade de fazer um trabalho similar, que tentasse captar um pouco do que é invisível dentro de um contexto.

De volta às aulas na faculdade, passei então a frequentar o Grupo de Pesquisa em Cinema Documentário – Nanook, na Facom, e a partir das leituras e discussões do grupo percebi que documentários definitivamente têm essa espécie de poder de revelar o que não é visto por uma maioria. Participar das reuniões do grupo ajudou a consolidar em mim o interesse pelo campo de produção audiovisual. Nos primeiros semestres de faculdade, havia também frequentado o Grupo de Pesquisa em Cibercidades, coordenado pelo Professor André Lemos, e esta experiência contribuiu para que o meu interesse por cibercultura me acompanhasse durante toda a faculdade. Decidindo então trabalhar com um produto no meu trabalho de conclusão de curso, pensei em produzir um tipo de conteúdo multimídia que pudesse ser disponibilizado na web.

Foi conversando com o meu orientador e expondo este meu desejo de produzir uma narrativa audiovisual para a internet que ele mencionou sobre os webdocumentários. Cheguei a fazer o meu anteprojeto acreditando que conseguiria executar a realização de um webdoc como TCC. Logo nas primeiras etapas de planejamento deste produto percebi que me faltavam muitos recursos técnicos e orçamentais para produzir um verdadeiro webdoc. Mesmo assim, persisti ainda por um tempo na ideia, mas foi só depois de conhecer o webdoc Prison Valley, que as minhas referências anteriores do gênero logo ficaram para trás e percebi

que um webdocumentário que atenda a todas as suas propostas é bem mais complexo de se realizar do que eu imaginava.

Diante deste que é considerado um dos melhores webdocumentários já produzidos, muitos conteúdos acabam sendo apenas uma reunião de fotos, vídeos e textos sobre um tema na internet. Depois de ler sobre o gênero, pude concluir que não é só por isso que um webdoc é caracterizado. Isso porque a palavra que pode definir o webdoc é interatividade. Sem este recurso, o conteúdo produzido com a intenção de ser um webdoc não passa de uma espécie de documentário ou reportagem multimídia produzida para a internet, e o webdocumentário não se consiste somente nisso, como veremos adiante.

O termo webdocumentário foi utilizado pela primeira vez no Cinéma Du Réel,⁴ ao se referir a todas as produções em formato documental, que em sua concepção e realização são intencionalmente feitas e reproduzidas para a web. Mas ao pesquisar mais sobre os webdocs, é possível compreender que os mesmos são mais do que documentários produzidos para a internet. Ao contrário do documentário simplesmente filmado e divulgado no ambiente online, como são feitos com vídeos divulgados em sites como o YouTube e o Vimeo, o webdoc se consiste em um site criado exclusivamente para comportar uma narrativa documental e um dos seus principais objetivos é criar inúmeras possibilidades de interação do internauta com a história que ali é contada.

Como já definiram Gregolin, Sacrini e Tomba (2002),

O web-documentário tende a ser um produto totalmente diferenciado do documentário tradicional já que são necessárias tecnologias multimídia para a sua produção. Um dos grandes diferenciais nessa recente modalidade do documentarismo é a possibilidade de subverter a narrativa linear dos modelos convencionais, sendo agora o receptor responsável pelo caminho a ser percorrido durante a recepção do conteúdo, dentro de um trajeto pré concebido pelo autor. No modelo convencional analógico, o espectador tem um caminho único e linear de fruição. Com o webdocumentário, ele passa a ter várias possibilidades de acesso e aprofundamento pelo conteúdo. É a interatividade que obriga ao documentarista desenvolver artifícios relacionados com o novo formato do meio e muita criatividade para uma interlocução satisfatória com o receptor. (GREGOLIN, SACRINI e TOMBA, 2002, p. 15).

O webdoc é um gênero relativamente novo, e por isso, pode-se afirmar que ainda está em fase de construções e experimentações. O primeiro prêmio concedido a um webdoc foi em

⁴ Cinéma du Réel (Cinema do Real) é um festival de documentário internacional organizada pelo BPI-Bibliothèque publique d'information em Paris e foi fundado em 1978. Foi na edição do ano de 2002 do festival em que se utilizou o termo webdocumentário pela primeira vez.

setembro de 2009, no festival Visa pour L'Image⁵. Ou seja, as produções de webdocumentários ainda estão dando os seus passos estrepantes. No Brasil, as produções neste campo ainda são tímidas e carecem de recursos, em comparação com os webdocs de outros países. O país pioneiro neste campo é a França, contando com várias produtoras especializadas e apoio de canais televisivos para divulgação de seu material. Outros países se destacam pela grande produção de webdocs, como Canadá, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e alguns países da América do Sul, como a Colômbia.

Cada webdoc possui características próprias, o que diferencia um do outro é a temática e os recursos utilizados para contar a história e promover a interação com o usuário. Todo webdocumentário que teve a oportunidade de conhecer traz um recurso de interatividade novo em relação aos acessados anteriormente ou uma diferente forma de construir a narrativa. Isso significa que por estar ainda dando os seus primeiros passos enquanto forma documental, o gênero é rico em possibilidades de criação. Significa também que nenhum documentário terá muitas semelhanças com outro produzido anteriormente, pois cada webdoc tem não só um conteúdo específico, mas uma forma que lhe é própria.

Como se sabe, cada meio de comunicação possui uma linguagem específica. A web, por sua constante fluidez e inovação, permite outra forma de realização de documentários: o webdocumentário pode ser mais lúdico, rápido e interativo. O próprio caráter do mundo digital possibilita esta inovação em narrativas online: a cada minuto novos recursos tecnológicos que dizem respeito à programação ou ao design de sites surgem e portais, sites e redes sociais estão se atualizando a todo o momento para acompanhar este ritmo. “Novidade” parece ser a palavra que melhor caracteriza a história da internet, que se reinventa a todo instante.

A realização de webdocumentários, portanto, tende a seguir este fluxo e está sempre se superando em termos técnicos relativos à sua execução. Quanto mais recursos a internet oferece para a construção de uma narrativa, mais complexa esta pode se tornar. Os usuários não podem ser ignorados neste processo, pois a internet só evolui porque as técnicas desenvolvidas pelo homem evoluem. Diante disso, o internauta é parte fundamental deste ciclo e tem, por assim dizer, uma sede insaciável de novidade ao que se refere a conteúdos na web, como explica Lev Manovich:

Embora a forma de base de dados possa ser inerente às novas mídias, tentativas incontáveis de criar "narrativas interativas" demonstram o nosso descontentamento com o computador na função única de ser uma enciclopédia ou um catálogo de efeitos. Nós queremos narrativas midiáticas novas, e nós

⁵ Festival internacional de fotojornalismo que acontece na cidade francesa de Perpignan.

queremos que estas narrativas sejam diferentes das narrativas que nós vimos ou lemos antes. Na verdade, independentemente de como frequentemente repetimos em público que a noção modernista da especificidade do meio ("cada meio deve desenvolver sua própria linguagem original") é obsoleta, nós esperamos que as narrativas computadorizadas apresentem possibilidades estéticas novas que não existiam antes dos computadores digitais. (MANOVICH, 2001, p. 237).

Diante do contexto em que estamos inseridos, que é o da “cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” (LEMOS, 2003), e admitindo que este contexto admite diferentes formas de criação e de comunicação sobretudo no âmbito digital, o webdocumentário se constitui como o formato ideal para quem busca produzir um conteúdo que dialogue com as linguagens de nossa era. Enquanto futura jornalista, não consigo vislumbrar a produção de um conteúdo que não queira divulgar na web e que não possa estar intimamente ligado a esta plataforma, como ocorre com o webdoc. Acredito ainda que o webdocumentário seja um formato de narrativa que possibilita a ampla reflexão e discussão sobre um tema como poucas conseguem.

Isso se dá porque, no webdoc, a relação entre o autor e o internauta se distancia daquela entre um diretor e seu espectador. Neste processo, o projeto final não existe, fica nas mãos de cada usuário escolher seus próprios caminhos ao longo da sua experiência com o webdocumentário. O internauta decide se quer aprofundar no assunto, pode ver a história através de vários pontos de vista e define como se dará a sua imersão no assunto tratado. A conclusão da narrativa, portanto, cabe também ao internauta, dando assim ao webdoc um caráter de coautoria, por assim dizer.

Ciente desta possibilidade, os webdocumentaristas não devem, portanto, temer que ideias e interpretações diversas surjam a partir do material que produziu. Acredito que alguém que queira realizar um webdoc deve ansiar justamente pelo contrário: o produtor deve considerar que múltiplas e distintas discussões aparecem em decorrência da experiência dos internautas com o seu webdoc. E é exatamente isso que anseio com a realização do webdoc sobre a Moda Afro em Salvador.

3.2 Análise de similares: identificando possíveis recursos e estilos para a realização de um webdoc

Foi a partir do levantamento de trabalhos já realizados similares ao meu produto que consegui enxergar melhor o que poderia ser feito em meu projeto e, com isso, delimitar

melhor as suas características e formas de execução. São muitos os webdocumentários que tive acesso neste período de idealização, então vou falar apenas de alguns deles. Os produtos similares que entrarão em pauta neste trabalho não foram escolhidos porque os considerei como melhores, mas trago para este memorial os trabalhos que mais me tocaram e que me fizeram refletir e tomar decisões em relação à forma que quero dar ao webdoc que pretendo realizar. Falarei de cada um deles mantendo a ordem cronológica do meu processo de criação, começando pelo primeiro webdocumentário que chamou a minha atenção.

*Africa to Australia*⁶ foi o primeiro webdoc que tive a oportunidade de acessar. O projeto conta a história de alguns imigrantes de diferentes países africanos que hoje moram na Austrália. Composto por vídeos que contam a história de cada imigrante e que aparecem sempre em toda a tela, o site também reúne informações sobre os países de origem de todos os entrevistados e fornece dados sobre a imigração para a Austrália de cada país africano retratado por meio das histórias. Ou seja, não são só vídeos que funcionam separadamente para retratar a história desses imigrantes: o projeto tenta também contextualizar as narrativas com a realidade por meio de dados sobre a presença africana no país.

Além disso, o site ainda pode ser acessado em sete línguas diferentes, sendo que cinco delas são línguas originalmente africanas. Isso garante que o projeto um caráter seja acessado pelos conterrâneos das pessoas nele retratadas, o que é uma ideia espetacular. A página onde todas as histórias do webdoc ficam reunidas e disponíveis para navegação a critério do internauta é a síntese da boa execução do design do site, que é bastante funcional, e também explicita a diversidade de material que foi coletado e produzido para o projeto. Pretendo produzir material suficiente durante a realização de meu webdoc, para que a experiência do internauta seja realmente contemplada, e espero que o caráter interativo do meu trabalho realmente se faça valer a partir de um design limpo e funcional do site.

Nesta análise de similares, não posso deixar de comentar sobre o *Prison Valley*⁷, pois conhecer este trabalho me possibilitou ter outro olhar sobre as produções documentais voltadas para a web, o que me fez mudar o meu anteprojeto do Trabalho de Conclusão de Curso. Projeto iniciado em 2008 por um fotógrafo, um documentarista e um webdesigner, sobre a indústria prisional localizada em Canon City, Colorado, EUA, este webdoc ganhou prêmios diversos pelo mundo. Neste webdocumentário, você se insere por completo na história, tendo direito a hospedagem em um hotel onde pode escolher que rumos tomar para desbravar a narrativa.

⁶ Disponível em <http://www.sbs.com.au/africatoaustralia>

⁷ Disponível em prisonvalley.artetv

O projeto divide-se em capítulos que buscam explorar de forma interativa o complexo de prisões. O internauta visita alguns locais em ângulo de primeira pessoa e assiste as entrevistas que são feitas em vídeos. Este webdoc conta com um vasto conteúdo multimídia e com diversas possibilidades interativas, de modo que você nunca sabe se de fato explorou todos os recursos. O internauta ainda pode interagir de formas diferenciadas com o webdoc ao final de cada capítulo, caso se conecte ao site via seu perfil no Twitter ou no Facebook, ou através do registro do usuário.

*Femmes au travail em Algérie*⁸ é um webdoc de 2012 conta a história de uma Argélia em crise através da visão de nove mulheres argelinas que trabalham no país e "transformam dia após dia a sociedade onde vivem". As entrevistadas contam de suas vidas, de seu cotidiano, comentam sobre a vida na Argélia nos dias de hoje, falam de seus desejos de promover mudanças nos locais onde moram e oferecem ao internauta uma visão diferente sobre a realidade do país. Produzido pela jornalista e fotógrafa Carole Filiu, o projeto conta a história de um lugar que está passando por uma fase de mudança após completar cinquenta anos de independência da França, que colonizou o país por 130 anos.

Este projeto me tocou por causa das histórias das mulheres que são protagonistas de sua narrativa e do retrato que é feito do país a partir de seus relatos. A espinha dorsal deste webdoc é o recurso *Portraits* (retratos), onde estão reunidas todas as histórias das entrevistadas. Através deste menu, é possível visualizar diversas imagens da Argélia em crise da qual fala o webdoc e, enquanto isso, uma das nove mulheres entrevistadas fala sobre a sua vida e explica como faz parte dessa sociedade em mudança, refletindo sobre a situação do país. Ou seja, esta forma de contar uma história conta com dois recursos: visual e áudio, com fotografias que ocupam todo o espaço da tela do navegador e com o áudio onde se ouve a entrevistada falar.

No menu *Accueil* é possível visualizar um mapa da Argélia onde ao passar o mouse sobre localidades em destaque, o internauta acessa a entrevista com cada argelina que participa do webdoc. As entrevistadas fazem parte das mais variadas áreas de atuação: são professoras, agricultoras, estudantes, jornalistas, psicólogas. Nesta página introdutória, o internauta ouve uma música de fundo instrumental com tambores e com uma doce voz feminina, enquanto navega pelo mapa da Argélia e escolhe um dos *Portraits* para acessar e ver/ouvir. Este webdoc também conta com uma página chamada Sumário (*Sommaire*), onde se encontram todas as entrevistas em listagem horizontal com uma pequena imagem e uma

⁸ Disponível em <http://fatea.tv5monde.com/>

descrição sobre cada uma para que o internauta as acesse com maior praticidade e por interesse o conteúdo de cada *Portrait*.

Dentre os trabalhos similares analisados, achei importante incluir em minha lista um que possuísse um caráter jornalístico, para compreender como a minha habilitação pode me auxiliar na realização de um webdoc. *Prescribed – A personalized tour of Obamacare*⁹, que foi definido como reportagem interativa pelo seu realizador, o *Wall Street Journal*, é um projeto que trata da nova legislação de assistência médica nos Estados Unidos com o uso integrado de vídeos, textos e tabelas. *Prescribed* possui recursos didáticos e auto explicativos: há um vídeo inicial com uma espécie de tutorial, falado pela narradora, explicando o funcionamento dos elementos interativos.

Este caráter de didatismo costuma ser típico em produções de conteúdos interativos por veículos de comunicação e não deixa de ser importante para que o internauta tenha ciência de todos os recursos e possibilidades da narrativa da qual está diante. Mas considero desnecessário incluir um vídeo tutorial no webdocumentário, acredito que menu geral que indique e mostre todos os conteúdos disponíveis do webdoc já consiga dialogar bem com o internauta no sentido de explicar do que se trata este conteúdo. Acredito também que as tentativas de interação do internauta com este conteúdo tornam a experiência mais rica, pois entre tentativas, buscas e repetições o internauta acaba descobrindo diferentes caminhos para acessar a história e percebe que ele determina como quer ler esta narrativa.

Prescribed também tem um vídeo principal que direciona a narrativa, mas o internauta pode passar para os blocos seguintes do material, o que dá a ele certo controle sobre o que deseja ver. Neste vídeo principal, é simulado um passeio em primeira pessoa, com a câmera tomando a posição do olhar do personagem. Este é um recurso que pode promover uma maior imersão do internauta na história, pois o ângulo escolhido dá a ideia de que você realmente faz parte da história e tem controle sobre ela.

No que diz respeito ao aproveitamento de alguns recursos utilizados por outros webdocs no que pretendo produzir, acredito que permitir um tour no ângulo em primeira pessoa para o internauta dentro da história é mais do que válido. Outros webdocs também já utilizaram este recurso.

Projeto divulgado na internet em outubro de 2010, o *New York Minute*¹⁰ é o que os realizadores denominam de “enciclopédia interativa”, pois mostra a cultura da cidade em vídeos, sons, textos e imagens. São seis vídeos que retratam histórias de algumas tribos

⁹ Disponível em <http://graphicsweb.wsj.com/documents/prescribed/>

¹⁰ Disponível em <http://nyminute.arte.tv/fr/>

urbanas que povoam Nova York, cada uma com sua particularidade e histórias incomuns para contar. O interessante desta narrativa é que a mesma é construída a partir de situações com grupos que são poucos documentados, por assim dizer. As seis histórias podem dialogar entre si porque todas retratam esses personagens como sobreviventes.

São motoqueiros que tiveram colegas que perderam a vida em acidentes por se arrisarem em manobras fatais em suas motocicletas, vendedores ambulantes que trabalham sob a vigilância cruel de policiais especiais que já assassinaram um deles, ex presidiários que são músicos e tentam engatar um hit nas estações de rádio da cidade, trabalhadores informais que vieram de longe e vivem em um bairro esquecido pela cidade, jovens imigrantes que foram soldados na Guerra Civil na Libéria ainda crianças e hoje são consideradas como parte de uma “geração perdida”.

Como diz a descrição de um dos vídeos do webdoc, “New York is an universal magnet” (Nova York é um ímã universal), é uma cidade que abriga pessoas de todos os cantos do mundo com os mais diferentes propósitos de vida. E podemos ter um retrato bem incomum dessa cidade a partir da história dessas pessoas retratadas neste webdoc.

Os vídeos do *New York Minute* não possuem mais de dez minutos de duração e são bem montados, utilizando forma bastante profissional os possíveis recursos estilísticos de um documentário. Outros conteúdos podem ser adicionados ao webdoc por internautas a partir de registros feitos em vídeo, som, texto e fotos a serem situados no mapa de Nova York. Este caráter colaborativo é algo que acredito ser essencial para a efetiva participação e interação do internauta com o webdocumentário. Quando o internauta pode colaborar com algum conteúdo para uma publicação na web, o projeto ganha mais visibilidade e aumenta o seu alcance, o que é imprescindível para que as reflexões e discussões sobre o tema tratado no webdoc sejam efetivadas até mesmo em outros espaços, online ou offline.

Essa inclusão do internauta por meio da colaboração também pode estimular novas produções sobre o tema, o que é também um resultado extraordinário dessa interação com o webdoc. E estes são alguns dos meus objetivos finais a partir da realização do meu webdoc: ampliar as reflexões e produções relacionadas ao tema.

*Out of my Window*¹¹ é outra produção de destaque no campo. Este webdoc canadense fala das consequências que a urbanização desenfreada traz às sociedades no século XXI. Vencedor de prêmios importantes, o webdoc traz montagens de 360° mostrando apartamentos

¹¹ Disponível em <http://interactive.nfb.ca/#/outmywindow>

em diversas cidades do mundo. O internauta escolhe quais casas quer “visitar” e tem uma visão geral interna e uma vista externa dessas moradias.

Clicando em camadas com imagens dos locais que aparecem sobre a vista em 360°, é possível ouvir as pessoas narrarem suas histórias e visualizar imagens em alta resolução de seus cotidianos. Cada história conta com uma trilha sonora específica que auxilia o internauta na imersão daquele lugar. É como se estivéssemos visitando a casa de um amigo que mora em outro país e ele ainda nos permitisse que o acompanhássemos em suas rotinas por este lugar que vive.

O internauta decide se quer navegar pelas histórias a partir de sua localização ou pelo menu “People”, onde aparecem todos os protagonistas destas narrativas. É possível escolher ainda qual trilha sonora se pretende ouvir enquanto se navega pelo site, no menu “Music Playlist”. Este é um recurso do qual gostaria de incluir em meu webdoc, pois acredito que uma trilha sonora é capaz de alterar toda a fruição sobre algo. Portanto, pensando no internauta enquanto um controlador de sua fruição no webdoc, este recurso de escolha da música que se quer ouvir pode ser essencial para consolidar esta possibilidade de controle sobre a narrativa e de interação com a mesma.

3.3 Estrutura do produto e planejamento de sua realização

Após ter feito essa breve descrição de cada trabalho similar é possível afirmar que o webdocumentário sobre as expressões da Moda Afro em Salvador tentará reproduzir alguns dos recursos destes anteriores webdocs citados no tópico anterior. Pretendo aqui exemplificar como se dará o meu webdoc, tentando fazer um esboço inicial referente à sua estrutura e ao seu conteúdo. Antes de tomar as decisões finais sobre a interatividade e o formato do meu webdoc, pretendo produzir material suficiente para que a experiência do internauta seja realmente contemplada.

Como já dito neste memorial, o levantamento das principais pessoas a serem entrevistadas já foi feito, mas o fantástico de uma reportagem ou documentário é que durante a sua realização, possíveis novas fontes e personagens surgem e a história pode tomar outros rumos. Conto com este benéfico acaso ao planejar a execução de um webdoc. Inicialmente, darei continuidade a pesquisas sobre o tema e farei novas as entrevistas. Depois de conseguir uma quantidade razoável de material para produzir cinco curtas metragens documentais, partirei para uma seleção e edição do mesmo.

Pretendo incluir em meu webdoc o menu “Pessoas”, onde as histórias que constituirão este produto serão separadas por seus protagonistas, como é feito em muitos webdocs. Uma amiga designer fez um esboço do que seria essa página: as fotos dos entrevistados aparecem sobre um mapa da Bahia, onde o internauta escolhe qual história quer acessar clicando nas imagens. Algumas mudanças já definidas serão feitas sobre este esboço durante a realização do meu webdoc. Primeiramente, quero os retratos dos entrevistados sobre um mapa de Salvador, e não da Bahia, já que o webdocumentário é sobre as expressões da Moda Afro presentes na capital baiana e não no estado. Este menu seria semelhante ao menu interativo do webdoc *Femmes au travail en Algérie*, onde cada entrevistada tem a sua foto fixada no ponto do mapa da Argélia onde vive.

Em segundo lugar, as cores escolhidas para o layout serão alteradas. Inicialmente, pensei no duo preto e branco, e nada mais. Só que ao pensar nos recursos que gostaria de inserir, percebi que o plano de fundo do meu webdoc estará sempre tomado por uma imagem que faça parte de sua narrativa. Este recurso é utilizado em muitos webdocs, como no *New York Minute*. Assim, as cores para as fontes, menus e outros itens do site serão definidas a partir da escala de cores das imagens que aparecerão no fundo do webdoc, mas será dada prioridade a um design limpo e funcional, sem muitos enfeites, além de seus próprios recursos interativos e multimídias.

Outra alteração importantíssima em relação a este esboço feito se dará no título. Durante todo este memorial tratei do meu webdoc como “Moda Afro na Bahia”. A intenção é de alterar este nome que aqui utilizei de maneira provisória. Por enquanto, tendo a escolher uma palavra só, de origem de alguma língua africana, que tenha relação com moda, vestimenta, expressão. Posso também intitular o meu webdocumentário com alguma frase de efeito dita por algum dos entrevistados. Ainda farei pesquisas e refletirei sobre este possível título. O nome “Moda Afro em Salvador” poderá entrar como subtítulo do webdoc.

Como a moda se expressa mesmo nas ruas, percebi que era fundamental documentar o *streetstyle* relacionado à moda afro em Salvador. Pensando também em como era essencial, além da interatividade, haver uma participação do internauta no webdoc, resolvi criar uma galeria no site onde as pessoas possam mandar fotos delas mesmas ou de outras pessoas se vestindo neste estilo afro. A galeria dialogará com as redes sociais, pois os internautas deverão postar as suas fotos em seus perfis do Instagram e no Twitter com uma *hashtag* específica a ser definida, e automaticamente, as fotos serão atualizadas na galeria do webdoc.

Este é um recurso já utilizado em muitos sites e até por portais online de notícias para que o usuário tenha participação no conteúdo. A página de Moda & Estilo¹² do portal baiano de notícias iBahia.com conta com essa galeria de fotos onde os internautas participam através de suas postagens de imagens nos seus perfis de Instagram e Twitter, através da inclusão da *hashtag* #ibahiamodaestilo. A galeria fica na home do canal de Moda e tem grande participação dos internautas, que postam seus looks e se sentem, de certo modo, contemplados ao aparecer em um canal online de moda.

Acredito que este recurso é importante porque, além de dar espaço para o internauta, no caso do webdoc, estaria reunindo conteúdo sobre moda afro na Bahia. A ideia é a de uma grande galeria onde as pessoas possam mostrar seus diversos estilos e formas de se vestir dentro da estética afro. Esta participação mostraria como as pessoas se aproximam e se incluem nesta forma de expressão e este seria um excelente material que funcionaria como uma grande vitrine das diversas identidades e aproximações dos soteropolitanos com a moda afro. Particularmente acredito bastante no potencial da participação das pessoas na produção de certo conteúdo. Como um dos propósitos da realização deste trabalho é descobrir como as pessoas se identificam com a moda afro, esta galeria de imagens alimentada pelos internautas seria o espaço do webdoc onde esta questão poderá ser melhor visualizada e refletida.

Ainda, neste webdocumentário, a ideia é registrar por meio de fotografias espaços onde a moda afro em Salvador está presente: desde lojas até eventos e lugares onde esta estética tem muitos adeptos. Festivais de *hip hop*, duelos de Mcs¹³, ensaios de blocos afros e determinados bairros e locais da cidade, como o Pelourinho e o bairro da Liberdade, mas também lugares inusitados onde uma fonte foi entrevistada: a ideia é registrar todos os lugares onde serão feitas as entrevistas, acompanhar estes eventos e frequentar estes locais nos próximos meses e documentá-los.

Para permitir uma interatividade do internauta com estes espaços, os mesmos serão filmados em ângulo de primeira pessoa, com a câmera tomando a posição do olhar do personagem (é possível fazer isso com uma câmera digital GoPro ou qualquer outra fixada em um capacete). Este recurso é utilizado no webdoc *Prescribed*. O internauta terá, no site, a possibilidade de visitar e passear por os lugares onde a moda afro é possibilidade de expressão. Será possível visualizar desde coloridas e estampadas araras de roupas em lojas até

¹²Disponível em <http://www.ibahia.com/moda>

¹³No hip hop, MC, sigla que significa Mestre de Cerimônias, é um artista ou cantor que normalmente compõe e canta seu material próprio e original. Um duelo de Mcs é um evento onde estes artistas disputam entre si em apresentações onde os mesmos fazem um discurso rítmico com rimas e poesias, o chamado rap, um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop.

vislumbrar as diversas formas de se vestir dos adeptos desta estética em festivais ou eventos onde eles se reúnem. Ao chegar em um destes lugares, o internauta ainda teria possibilidade de assistir uma entrevista em vídeo com uma fonte entrevistada no local. É como se o internauta fosse de encontro aos personagens da história, como acontece em *Out of my Window*.

Além destes recursos, o webdocumentário contará com uma página onde o internauta poderá acessar diretamente todos os vídeos da entrevista. Quando executados, os vídeos ocuparão toda a tela da página, como acontece em *Africa to Australia*. Estará disponível também uma página informativa sobre o projeto e, ainda, pretende-se incluir uma página que funcione como uma espécie de fórum, onde os internautas possam comentar o conteúdo do webdoc e trocar informações em relação ao tema, como é possível ser feito em *Prison Valley*.

A trilha sonora presente em cada vídeo e no próprio webdocumentário será definida no processo de edição e montagem dos vídeos e do site. Mas gostaria de incluir o interessante recurso do webdoc *Prescribed* onde o internauta decide que musica ouvir durante a sua navegação pelo webdoc. Acredito que este tipo de ferramenta permite que o usuário participe ainda mais da experiência diante dele, possibilidade que considero fundamental na consolidação desta narrativa coautoral entre realizador e internauta típica do webdoc.

Um entrave para a utilização de músicas em uma realização são os direitos autorais. Uma alternativa é utilizar áudios com licença que permita a sua utilização em outras obras, como alguns tipos da licença Creative Commons¹⁴. Posso também buscar firmar algumas parcerias com artistas do cenário musical baiano, principalmente os que estão iniciando suas carreiras e contam com produções independentes. Essa é uma alternativa bem possível e interessante, pois os músicos poderão ter seu trabalho divulgado no webdoc.

Sendo o webdocumentário, antes de tudo, um site onde fica reunido todo o material produzido, não se faz necessário, *a priori*, uma constante alimentação do conteúdo presente no webdoc. Alguns webdocumentários complementam as suas informações e interagem mais com o público através de páginas do Facebook criadas exclusivamente para o debate da temática do webdocumentário ou por meio de blogs, onde alguns conteúdos extras são publicados. Ambos os recursos funcionam tanto como um “diário de bordo” do projeto, por assim dizer, quanto como um meio para manter o público informado sobre novas realizações do autor do projeto, sobre novos rumos que o assunto retratado no webdoc tem tomado ou até mesmo para fomentar antigas e novas discussões. Muito provavelmente entrará no ar,

¹⁴ As licenças da Creative Commons fornecem um modo padrão para os criadores de conteúdo conceder permissão a outros para o uso de suas obras.

juntamente com o meu projeto, um site que forneça esse tipo de apoio ao site principal do webdoc.

Em relação ao público alvo do projeto posso dizer que ele é bem amplo. Como uma das pretensões desse projeto é alcançar uma razoável visibilidade na internet – e por isso foi escolhido o formato do webdocumentário, pelo fato de que na internet as ideias são compartilhadas com mais intensidade do que em outros meios –, pode-se afirmar que não existe uma faixa etária específica ou um tipo de público bem delimitado a quem esse trabalho se destina. Todas as pessoas que são usuárias da internet e que possam se interessar pela discussão do tema são válidas enquanto público, e, pelo fato do projeto tratar de uma temática que é universal (moda), pessoas de diferentes países e idades poderão acessar o conteúdo.

Para tanto, o acesso ao conteúdo deverá ser facilitado. A pretensão é de disponibilizar todo o conteúdo em duas línguas (português e inglês), para que o mesmo possa ser acessado por boa parte dos internautas do mundo sem que estes tenham dificuldades na interação com o webdoc. Assim como a maioria do conteúdo que está online atualmente, qualquer pessoa poderá ter acesso ao meu projeto sem custos financeiros. Para o lançamento do webdocumentário, pretende-se fazer uma divulgação por meio de sites de redes sociais antes do site entrar no ar. Ainda está em avaliação a possibilidade da produção de um vídeo *teaser* para ser divulgado na web semanas antes do projeto ser lançado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus pela primeira vez a realizar um webdocumentário, fiquei imaginando que caminhos seguir até a sua concretização. Ao investigar sobre o gênero, percebi que a complexidade e o caráter inovativo de sua linguagem só a tornavam mais rica e possível enquanto experiência para um receptor. Fiquei encantada com as possibilidades que o formato oferece para a apresentação de um tema, e desde o meu anteprojeto de trabalho de conclusão de curso, passeava pela instigação e desejo de produzir um webdoc.

Ao me debruçar sobre o tema da Moda Afro, fui mais uma vez cooptada pelo fascínio de uma expressão. Investigar sobre isso e conseguir imaginar a sua retratação a partir da ferramenta multimídia e interativa que é o webdoc me fez perceber que podemos, através da realização de um projeto, não só chamar a atenção para determinada história, mas conseguirmos torná-la mais rica a depender da forma como a apresentamos. As minhas motivações referentes à execução deste projeto são então inúmeras. Tanto o tema quanto a

linguagem que escolhi para apresentá-lo me atraem muito, de forma que só me sinto conduzida para a busca da realização deste webdocumentário.

Para mim, o processo de produção do webdoc já foi iniciado quando passei a pensá-lo, planejá-lo, a fazer pesquisas sobre o tema e realizar as entrevistas. A construção do presente memorial me levou a enxergar melhor esse caminho da execução do projeto e pude não só delimitá-lo, mas consegui refletir mais a fundo sobre as suas propostas e pretensões. Acredito que agora consigo visualizar de forma nítida o percurso de construção do meu webdocumentário, que de início me apareceu sob uma forma incerta.

Neste momento, consigo me sentir mais próxima da realização do webdocumentário. A pretensão é, portanto, dar continuidade a este projeto, só dependo do próximo passo, que é a captação de recursos para tal. Fazer a adequação deste projeto ao formato de um edital e pensar em uma estratégia de capacitação destes recursos é o próximo passo a ser dado depois da finalização desta etapa de idealização que realizei neste trabalho de conclusão de curso.

As produções brasileiras no campo webdocumental ainda são poucas e precárias em se tratando de possibilidades interativas. Produzir um webdoc que se destaque neste contexto significa dispor de muitos recursos para poder inovar estilisticamente. Acredito que a construção de um webdoc que ganhe destaque no cenário internacional depende, sobretudo, de recursos para poder investir em uma produção profissional que permita que o realizador inove estilisticamente.

A continuidade deste projeto depende, portanto, da obtenção de suficientes recursos financeiros para que a sua execução seja bem sucedida. Eu conto com isso para poder concretizar o que já não é mais um trabalho de conclusão de curso para mim, mas sim um projeto que passou a fazer parte de minha vida profissional, que está prestes a ser oficialmente iniciada.

REFERÊNCIAS

BAMBA, M. (Org.) ; MELEIRO, A. (Org.) . **Filmes da África e da Diáspora: objetos de discursos**. 1. ed. Salvador/Bahia: EDUFBA, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail U. Sobral. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Trad. de IzidoroBlikstein. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. **Sistema da moda**. Trad. L. L. S. Mosca. São Paulo, Editora da USP, 1979.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa PezzaCintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

GERREIRO, Goli. **Terceira Diáspora: O porto da Bahia**. 1. Ed. Salvador: Editora Corrupio, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo Augusto. **Web-documentário – Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. 2002. 59 f. Projeto experimental para obtenção do título de graduação do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo – PUC, Campinas.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (Org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**.New York: New York University, 2006.

LEMOS, André. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001.

MATTELART, André; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOLLE; Morgane. **Le web documentaire: Une Nouvelle Forme D'écriture Documentaire?**. Master II Pro Conseil Editorial et Gestion des Connaissances - Philosophie-Sociologie, Université Paris Sorbonne (Paris IV). 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. (2001) Mônica Saddy Martins (trad.). 2 ed., Campinas, SP: Papyrus, (Coleção Campo Imagético), 2007.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=>>. Acesso em maio de 2013.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: História, tramas, tipos e usos**. 2 ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.

PITOMBO, Renata. **Moda e estilo: introdução a uma estética da moda**. Revista FAMECOS, Porto Alegre. nº 36, agosto de 2008.

PORTAL Webdocumentário. Disponível em <<http://www.webdocumentario.com.br>>. Acesso em 19 de junho de 2012.

RISÉRIO, Antônio. **Uma História da Cidade da Bahia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal... O Que É Mesmo Documentário?**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SERAFIM, José Francisco. **Lendo um filme documentário: toda a memória do mundo**. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3984/2949>>. Acessado em abril de 2013.

A moda afro em pauta no webdoc

Apresentação do projeto de um webdocumentário

1. Apresentação

Esta realização pretende mostrar através de um webdocumentário– forma de documentário baseada em uma plataforma web que reúne conteúdo multimídia sobre um tema de maneira interativa – a moda afro presente em Salvador: suas características, produções, interferências e seus adeptos. O tema foi escolhido a partir de uma investigação que constatou que há pouco conteúdo produzido sobre o tema e que a sua noção é ainda bastante vaga.

2. Formato

A escolha do webdocumentário como linguagem para tratamento do tema aconteceu por alguns motivos: a) devido à própria natureza não ficcional do gênero, ou seja, através dele pode-se mostrar a moda afro tal como se configura no cenário soteropolitano, b) pelo fato desse tipo de realização se situar na web, sendo assim, um produto que pode alcançar um amplo público e, por fim c) devido a particular característica interativa do webdocumentário, que imprime em sua narrativa diversas possibilidades de leitura e configura uma experiência inovadora e rica para o receptor.

3. Público alvo

Este projeto é voltado para um grande público e pode alcançar uma vasta audiência. A própria natureza do gênero documentário, que se aproxima da "realidade" ao mostrar um tema, agrega um grande público, pois essa linguagem diz respeito a muitas pessoas que estão inseridas neste contexto e toca tantas outras que simplesmente possuam interesse no tema. Mas pode-se entender que o público alvo deste projeto é muito mais amplo, pelo fato do webdocumentário ser uma linguagem que se situa na web, portanto, o acesso ao seu conteúdo estará disponível para qualquer usuário de internet do mundo que queira acessá-lo, facilitando assim a sua difusão e recepção.

4. Roteiro de filmagens

Este webdoc não possui um roteiro que detalhe as cenas que serão gravadas. Já foi feito um levantamento de possíveis fontes e algumas delas já foram contatadas, entrevistadas e fotografadas. Após a captação de recursos para este projeto, as fontes serão contatadas novamente para que possam ser gravadas as suas participações no webdocumentário, que se dará através de curtas metragens documentais. A ideia é gravar um curta de no máximo cinco minutos para cada pessoa que compõe o cenário da moda afro em Salvador. Novas fontes poderão ser contatadas e inseridas no webdoc. Foi dada uma atenção especial à opinião das fontes já ouvidas no tópico de número 2 do presente memorial.

5. Recursos necessários

Como este se trata de um projeto de ampla dimensão, pelo caráter mais sofisticado de programação web que este tipo de linguagem requer, serão necessários recursos para a contratação de profissionais especializados nesta área. O custo de produção deste webdocumentário não é baixo porque será também necessário o apoio de alguns profissionais de outras áreas, que atuarão nos diversos processos da execução do webdoc.

Um profissional da área de produção cultural, que pode atuar desde a captação de recursos para o trabalho até como assistente na produção do webdoc, um fotógrafo ou um cinegrafista para auxiliar na captação das imagens, um editor de vídeo para atuar no processo de finalização dos vídeos (curtas metragens documentais), um designer gráfico para montar o layout do webdoc e um programador para colocá-lo na web em suas perfeitas funções. O apoio de todos esses profissionais é imprescindível para uma boa execução de um projeto desta dimensão. Os custos referentes aos recursos necessários para este webdoc estão descritos no último tópico deste guia.

6. Cronograma

O primeiro passo a ser dado no sentido de se concretizar esse projeto é formatá-lo dentro das normas de um projeto para captação de recursos. Feito isso, é possível inscrevê-lo em editais de apoios a produção de cultura que possam ser futuramente lançados. Alcançada esta meta, se seguirá o cronograma da seguinte tabela. A realização deste webdocumentário foi pensada para uma execução com período de duração de dez meses. Imprevistos durante a realização do projeto podem acontecer e este cronograma poderá ser posteriormente reformulado.

ATIVIDADES	1º MÊS	2º MÊS	3º MÊS	4º MÊS	5º MÊS
Novo levantamento de fontes	x				
Produção de roteiro de filmagens	x				
Primeira parte das filmagens		x			
Análise do material coletado			x		
Segunda parte das filmagens				x	
Análise do material coletado					x
Edição e finalização dos vídeos (primeira parte)					x

ATIVIDADES	6º MÊS	7º MÊS	8º MÊS	9º MÊS	10º MÊS
Edição e finalização dos vídeos (segunda parte)	x				
Produção do layout do site		x			
Programação do site			x	x	
Ajustes finais no site					x
Publicação e divulgação do site					x

7. Orçamento

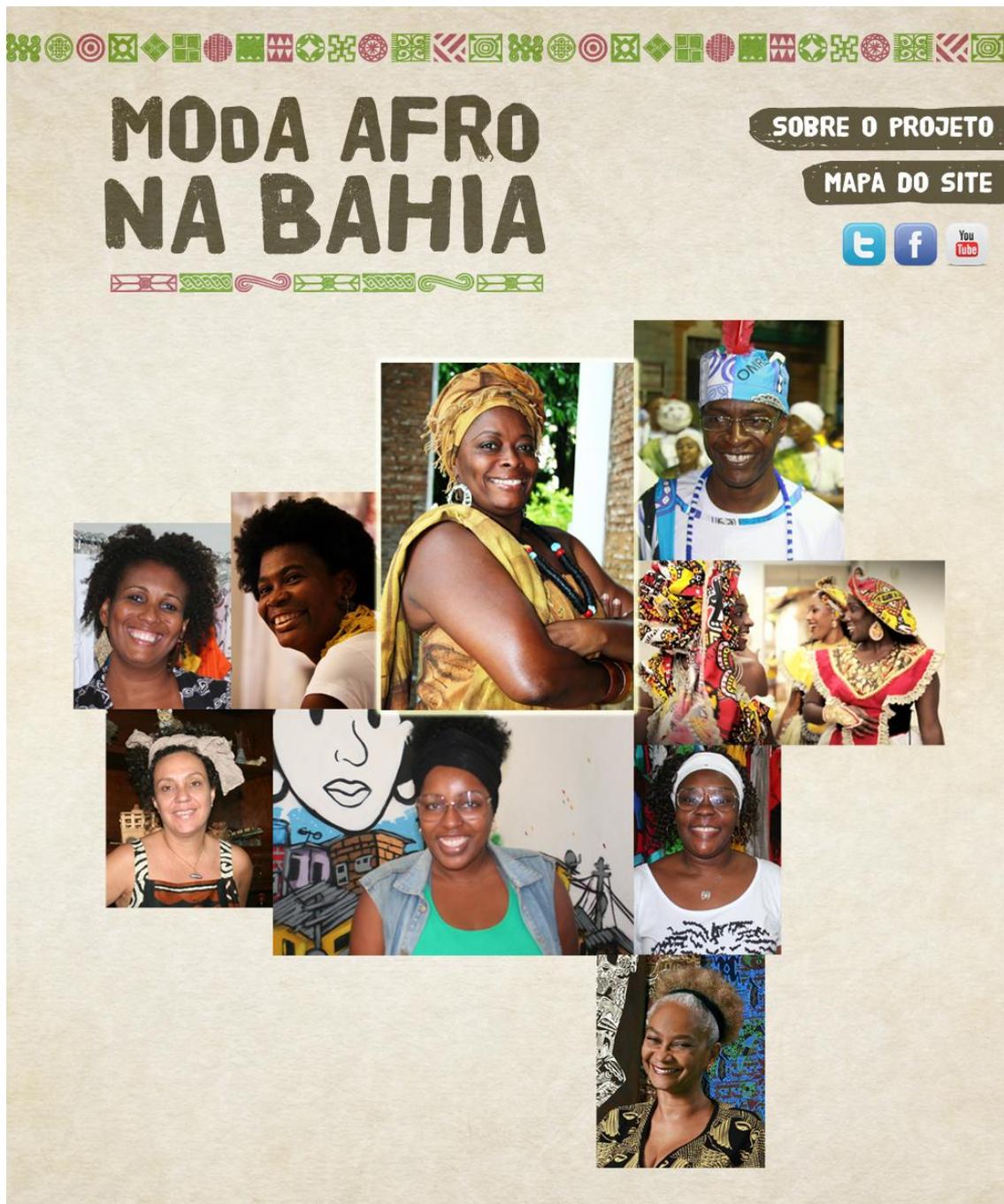
O orçamento da produção deste webdocumentário foi montado com base nos preços atuais de mercado, portanto algumas alterações podem ocorrer. Foram pesquisados e considerados os preços mais baixos do mercado soteropolitano. Devido ao alto custo orçamentário para uma única realizadora, este webdoc só poderá ser realizado através de patrocínio, como já foi explicado anteriormente. Felizmente, levando em conta os atuais valores dados por editais para a produção cultural no Brasil, este webdoc é bastante possível de ser financiado, pois muitos recursos de apoio à produção cinematográfica têm sido fornecidos pelo Governo nos últimos anos.

Não foram adicionados gastos com equipamentos que a realizadora já possui, como câmera fotográfica digital profissional, tripé, suportes e câmera filmadora digital HD, a fim de se reduzir os custos desta produção, e, deste modo, conseguir captar recursos para a realização do webdoc de forma mais rápida. A intenção deste guia é mostrar justamente que a realização deste webdocumentário é algo bem possível. Foram levadas em consideração as contratações de todos os profissionais citados no sexto tópico deste guia de apresentação. A tabela seguinte pode sofrer alterações.

Descrição	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
Assistente de produção	01 profissional / três meses de trabalho	R\$ 1.000,00	R\$ 3.000,00
Fotógrafo ou cinegrafista	01 profissional / dois meses de trabalho	R\$ 2.000,00	R\$ 4.000,00
Edição dos vídeos	01 profissional/ dez curtas	R\$ 300,00	R\$ 3.000,00
Design do site	01 profissional / 01 website	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Programação do site	01 profissional/ 01 website	R\$ 3.000,00	R\$ 3.000,00
Total			R\$ 15.000,00

8. Layout

Foi feito um primeiro esboço de uma das páginas do webdocumentário que reunirá o conteúdo produzido com os entrevistados. No layout definitivo, o mapa da Bahia será substituído por um mapa de Salvador, assim como o título será alterado, pois o webdoc tratará da moda afro apenas na capital baiana. O layout foi feito pela designer Marcela D'Ávila.



9. Entrevistas realizadas

Ao longo da realização deste projeto, foram feitas entrevistas com personalidades do cenário da Moda Afro em Salvador que fizeram parte das primeiras investigações e pesquisas acerca do tema. As entrevistas podem ser conferidas na íntegra a seguir.

9.1. Entrevista feita com Najara Black, estilista e proprietária da grife N Black

De onde vem o seu interesse por moda?

Quando eu era pequena, a minha mãe costurava a minha roupa e a dos meus irmãos e eu sempre tive esse interesse pela costura, fazendo roupinhas de boneca, essas coisinhas e tal - natural de quase toda pessoa que trabalha com moda. Fui crescendo e eu e meu irmão sempre costumávamos usar as nossas roupas e o pessoal todo na rua ficava louco - nossos amigos sempre queriam que a gente fizesse a mesma coisa para eles. Comecei a pesquisar e comecei a ver que no mercado tinha certa carência de uma roupa que fosse naquele estilo que a gente gostava e usava. Eu vi que tinha muita coisa ligada a afro, mas é um afro mais de raiz, que é o turbante, vestidos com tecidos étnicos e eu sinceramente nunca gostei de usar este tipo de roupa. O turbante eu ainda uso, mas estes vestidos eu nunca gostei. Eu sempre me inspirei nos negros americanos: aquela coisa do Brooklyn, bem gueto mesmo, era aquilo ali que eu gostava. E era aquilo ali que eu vi que tinha necessidade de ter aqui e não tinha. Dei uma pesquisada, vi que não tinha realmente nada aqui em Salvador e botei a marca. O "N" Black vem do meu nome, Najara Black. Abreviei o nome porque fiquei com medo das pessoas não gostarem de usar uma camiseta com meu nome. Preferi abreviar e ficou um nome bacana, um nome forte. Fiz umas camisetas de início e saí presenteando para os amigos usarem, mas eles não queriam usar. Aí resolvi não dar mais nada a ninguém, comecei a usar as camisas, eu e meu irmão. Todas as festas que íamos, todos os lugares que íamos vestíamos as camisas. Meu irmão, que já foi modelo, participou em 2005 de um concurso que acontece em Salvador todo ano, o Beleza Black. Ele e outros quatro amigos resolveram participar do concurso e eu coloquei as minhas camisas, a da boneca *blackpower* trabalhada na lantejoulas. E foi um sucesso tão grande que eu não esperava. Eu estava totalmente despreparada, não fui com cartão, nem pensava nisso, na verdade. De lá para cá, percebi que essa era uma coisa que

podia dar certo e comecei a investir, inicialmente só com camisetas. Depois comecei a fazer estampas que ligassem o nome à logomarca, comecei a sair mais ainda e um dos bairros que mais me abraçou foi a Liberdade. O Curuzu em peso abraçou a marca. A gente chegava no Ilê e via todo mundo usando N Black. Fomos vendo que o mercado estava mesmo carente e que a ideia dava certo e começamos a fazer parte de baixo e outros tipos de peça. Hoje em dia a gente faz de tudo, só não fazemos ainda moda íntima. Mas de blazer a boné a gente já está fornecendo.

Quando lançou a sua primeira coleção?

Em 2010. A marca N Black surgiu em 2005 e a nossa loja vai fazer um ano. A gente vendia em casa e a demanda começou a crescer. Quando cheguei na faculdade eu era uma das alunas mais preparadas da sala de aula pois já tinha certa experiência: já vivia nesse universo, já tinha trabalhado com estilistas, já tinha trabalhado com Valéria Caveski, figurinista de Carlinhos Brown. Então fui para a faculdade para pegar a parte teórica, porque na prática eu já tinha certo domínio.

O material que você utiliza é mais contemporâneo ou você não trabalha com nada tradicional afro, como o pano da costa?

A gente trabalha muito com malha. Como o estilo da marca é algo mais *street*, algo mais de rua, com aquela pegada mais para o hip hop, essa ligação com o grafite, com a música- temos uma ligação muito forte com o lado musical -, então trabalho bastante com malha, procuro sempre estar inovando com os tecidos, procuro sempre coisas diferentes. A gente não compra material aqui, compramos em São Paulo, onde a variedade é bem maior de tecidos. Lá em São Paulo a gente acha muito brim estampado, então a gente faz muitas peças com este tecido, como blazers, camisetas, bermudas. Aqui em Salvador você não acha. E tudo que tenha uma estampa bacana, que tenha a ver com a loja, a gente faz.

Quais são os seus critérios na hora de escolher um tecido?

Eu já olho e já vejo logo o que dá para fazer ali com aquele tecido. E então vou ver a qualidade do material: o cliente não conhece o tecido, mas só de pegar em uma radiosa, ele vê que o tecido é mole, ele reconhece e diz: "Esta malha é boa". Então temos o cuidado de escolher um tecido com mais resistência e que dure mais tempo. Busco também um tecido diferente, com muita cor. As pessoas gostam muito de tecidos com cores fortes, mais vibrantes e com estamparia bacana, mais geométrica.

Qual é o público alvo de sua marca?

Na verdade a marca é voltada para os afro descendentes. Não somente negros. Se você se considera afro descendente, se você tem nas suas raízes a origem afro, você está incluso. Se você ficar só estereotipando: negro, negro, negro, você deixa de atingir outros públicos. E não é isso que a gente quer, a gente quer juntar todo mundo, não segregar. O slogan da marca é "juntos nós podemos fazer a diferença" e é realmente isso que a gente quer. Nós trabalhamos com moda *plus size*, porque vimos que o mercado é muito carente para isso. Mulher *plus size* ainda encontra roupa. Em uma *fast fashion* é possível encontrar roupas para mulheres que estão acima do peso, mas para homem, não tem. O que tem é muito velho, de muito mau gosto. Percebemos isso e então montamos um editorial com peças *plus size* e bombou. A gente quer mostrar que mesmo você estando gordinho, você pode estar na moda, você pode ser sexy sem ser vulgar. Queremos mostrar que uma gordinha pode usar uma saia longa sem ficar feia, que ela pode usar estampa. As pessoas têm medo de ousar e acabam se vestindo de forma mais simples ou até inadequada por conta disso.

Você sente uma timidez por parte das pessoas daqui de Salvador na hora de se vestir?

Sim, existe muito. Eu costumo dar muita consultoria, de graça mesmo, para as minhas clientes. O cliente chega aqui com uma roupa na mente e eu vejo que não dá para o corpo dele, que o biotipo dele não favorece aquele tipo de roupa, em conversa, eu consigo que ele mude de ideia. Principalmente clientes que estão acima do peso, tanto homens como mulheres, gostam de usar roupas que marquem, e não tem necessidade disso. Você pode usar uma roupa mais discreta e estar arrumado e pronto para ir para qualquer ambiente. Então aqui a gente dá truques: "Use uma sobreposição para esconder isso, dobre a barra da calça, porque vai alongar a sua silhueta". Fazemos roupas sob medida também: chegou aqui e não deu, mas gostou? A gente faz esse trabalho. As estampas que a gente bola a gente costuma pesquisar bastante. Eu não faço nada sem pesquisar e eu tenho a sorte de ter um grande *feedback* de meus clientes também. Eu pesquiso muito antes de lançar alguma coisa porque tenho receio de não dar certo. A nossa coleção "Sou baiana" é uma coisa muito forte e a gente não pretende tirar tão cedo. Queria trabalhar a baianidade de uma forma diferente. Queria falar de baianidade de uma forma que não viesse logo na cabeça capoeira, acarajé e sim que viessem negros, baianos, estilosos, muito bem arrumados, muito bem vestidos. Fizemos um editorial fotográfico que foi sediado na Rua Chile e todos perguntavam: "Isso aqui é Salvador?", e a intenção era ouvir isso mesmo. Agora mesmo na Copa das Confederações, pensei em fazer algo do Brasil e decidi: não vou fazer estampa do Brasil, vou fazer a camisa "Sou baiana",

com as cores verde e amarela. Postei no Facebook, bombou e todo mundo quer. Na estampa "Princesa do Gueto", eu fiquei receosa também, mas é forte, quero mostrar que as meninas podem mesmo ser a princesa do seu gueto. A intenção é mostrar que a marca pode fazer a diferença sim, não só com moda, mas sempre que têm projetos envolvendo arte e cultura.

Como se dá a produção de suas peças?

Toda criação é minha, mas todo trabalho é terceirizado, temos costureiras que trabalham conosco.

Como surgiu a sua ligação com o hip hop?

Eu sempre gostei, sempre me identifiquei muito. Até hoje eu tenho como referência Kanie West como estilo de homem negro.

E qual mulher seria referencial de estilo para você?

Mulher... mulher de atitude? Eu gosto muito de Cassie (cantora americana). Acho ela além de linda, muito estilosa. Kanie West, para mim, é *top*, sem comparação.

A N Black trabalha só com venda de roupas?

A gente tem a loja, mas a gente trabalha também com figurino de banda. Já trabalhei com Márcio Victor, Martinália, Black Style, Robyssão. Hoje todos estão se inspirando nestes cantores de rap gringo, eles na verdade ditam moda mesmo, não tem para onde correr. E os músicos com quem trabalho se inspiram nos gringos: Jay-Z, Chris Brown, Usher. Eu, particularmente, gosto do estilo de todos, mas Kanie West é *top*.

Quais são as suas fontes de inspiração para a criação de suas peças?

Eu uso tudo como referência: uma música como referência, eu estou na rua o tempo inteiro, procuro ir a quase todos os eventos que me convidam, porque desses lugares eu posso tirar muita coisa. Sempre vou a duelos de MCs aqui em Salvador, porque de lá eu tiro muita coisa, vejo o que está acontecendo. E aqui em Salvador esse movimento ainda é fraco. Em São Paulo você vê que a galera de *hip hop* investe mesmo: é todo mundo muito bem *becado*, muito bem arrumado. Aqui em Salvador, são poucas as pessoas que se arrumam dessa forma. Um evento como um duelo de Mc's é o momento de se montar, mas aqui isso não acontece. O pessoal vai rimar, vai participar de um duelo de Mc e o cara vai de sandálias Havaianas. Acho isso o cúmulo do absurdo, porque as pessoas que participam disso realmente deveriam

investir em seu estilo, tinham que chegar a um evento como este com um *style* bacana. E, para mulheres, é ainda mais difícil. Conheci *b-girls*, que são essas meninas que dançam *break*, e vi que o mercado realmente ainda não abriu a mente. As meninas têm que comprar camisas masculinas e customizar para ficarem estilosas usando uma coisa que é ligada ao movimento delas. A nossa última coleção é focada no movimento do grafite e do *hip hop*.

Você daria algum conselho a uma pessoa negra que pretende empreender na área da moda afro aqui em Salvador?

Acho que primeiro nós devemos mostrar que somos qualificados, que temos espaço em tudo, em qualquer área de trabalho temos que aparecer, temos que ser valorizados. Mas não é agredindo o outro que temos que mostrar isso. Às vezes acho um radicalismo tão grande a militância negra, como militantes que só convivem e falam com negros. Tem que tirar da cabeça que porque é negro está sofrendo preconceito.

Você acha que a moda que produz deve estar associada à moda afro tradicional?

Claro. Tem que ter. Não podemos perder as nossas raízes. A gente tem que vir com um contemporâneo, mas sem perder as nossas raízes, a essência daquilo ali que estamos fundamentando.

O que você acha que falta em Salvador para existir uma maior expressão do estilo próprio por parte das pessoas?

Primeiro precisa de espaço, porque as pessoas que trabalham com isso não têm espaço. Eu tenho sete anos de marca e ainda não tenho o espaço que mereço, e ainda mais sendo Salvador, cidade onde a maioria da população é negra. Acho que para a gente colocar na cabeça das pessoas que as coisas realmente podem acontecer, a gente precisa de espaço.

Quais são os seus planos futuros?

Eu sonho alto, quero muito mais. Não quero que a minha marca fique só aqui na loja, a N Black tem que ir além, tem que ser um estilo de vida. Vou lançar este ano uma fragrância. Se a Calvin Klein e todas essas marcas têm, por que não posso ter também?

9.2. Entrevista feita com Madalena Bispo, estilista e proprietária da grife Negrif

Como surgiu o seu interesse por moda?

Sou filha de costureira e sempre tive esse interesse. Trabalhava no Teatro Vila Velha na parte administrativa, ainda não tinha estudado moda e produzia algumas peças para mim e os atores gostavam. Meu primeiro curso foi no SENAC, curso de Produção de Moda e Estilismo. Eu era sacoleira, fazia a minha roupa e antes de fazer o curso do SENAC já vendia essas minhas peças. O curso aguçou ainda mais o meu interesse, e naquela época ainda não existia faculdade de moda em Salvador. As faculdades de moda em Salvador surgiram muito tarde. Quando surgiu eu fui para a FTC, que foi o primeiro curso de moda que teve, mas concluí o curso de Design de Moda na Faculdade da Cidade. Eu nunca tinha o sonho de ter uma loja.

Acredita que tinha algo em específico nas roupas que usava que chamavam a atenção das pessoas?

A identidade de minhas peças sempre existiu. Pelo fato de minha mãe ser costureira, eu nunca comprei roupa pronta. Eu tinha a minha mãe para fazer, para dizer como queria a minha roupa. Eu sempre produzi o que vesti, então começar a produzir para outras pessoas foi uma continuidade disso. Sempre me vesti de forma diferenciada, sempre tentei fugir do padrão. Sempre ousei em modelagens mais amplas. Por isso a proposta das roupas da Negrif é de uma roupa solta e longa, com uma modelagem que te deixe mais à vontade.

Qual é o público de sua loja?

São pessoas que gostam de uma roupa diferenciada. Quando eu produzo roupa de tecido, não produzo duas peças iguais. Se eu usar o mesmo tecido, eu faço duas peças diferentes. E as pessoas se identificam com isso. Acho que tem muita gente que está cansada dessa moda igual: de chegar numa loja de departamento, comprar uma peça e de chegar numa festa e encontrar pessoas com a mesma roupa que você. A minha produção é pequena, eu não tenho estoque, o que eu tenho está na loja. Eu vou vendendo e vou produzindo, porque o cliente pode ter vindo na semana passada e voltar hoje e querer uma coisa diferente. A intenção é produzir pouco, mas sempre produzindo novidade. Hoje faço roupa do PP ao GG. Eu penso nas pessoas que eu vejo no dia a dia, nos caminhos que eu passo: eu pego ônibus, eu desço e subo ladeira. A minha roupa é uma roupa que as pessoas possam ficar a vontade. Trabalho com tecidos 100 por cento algodão.

Quando a loja foi aberta?

Eu era sacoleira e colocava umas peças em uma loja de uma colega no Garcia. Ela fechou a loja e eu encontrei a designer de moda Eunice Costa, que conheci na faculdade, e ela disse que entraria como sócia se eu quisesse abrir uma loja. Na época eu dava aula de moda afro em uma ONG. A ONG fechou e eu me perguntei: "E agora? Vou encarar mesmo abrir uma loja?". Porque a moda em minha vida na verdade sempre foi um *hobby*, nunca foi um sustento mesmo. Eu sempre estive ligada à moda, mas me movimentava de outras formas. A sacola era um complemento de minha renda. Abrimos a loja em dezembro de 2011. Ficamos juntas por seis meses e então me disse que eu estava pronta para caminhar sozinha. Então ela é uma pessoa que surgiu para me dar coragem para abrir o meu negócio. Tanto que até hoje vendo aqui na loja as bolsas que ela produz.

Vejo que você vende produtos de outras marcas aqui também.

São amigos de caminhada, são profissionais que conheço em feiras. Conheço esses profissionais e ofereço o espaço de minha loja para eles venderem seus produtos, porque quando a gente não tem uma loja, tudo o que a gente quer é um espaço para expor suas coisas.

O que seria um espaço ideal para a divulgação de seu trabalho, em sua opinião?

Para mim, na verdade, o ideal seria ter um espaço cultural, um espaço onde eu pudesse mesclar várias coisas. Não me atrai essa ideia de um balcão, de estar atrás de um balcão atendendo um cliente. Eu percebi que eu já tinha uma clientela, que eu tinha feito na sacola, e além destes, tinha amigos que eram clientes. Quando percebi, já tinha esse público. E, hoje, por conta das redes sociais, tenho cliente no Brasil inteiro. São pessoas que conhecem a minha marca pela internet e fazem pedidos. Tenho clientes no Rio, em São Paulo, no Maranhão, em Minas Gerais, e cada vez vem surgindo novos clientes. Essas pessoas veem as minhas peças e se interessam por ser uma roupa diferenciada, que não é vendida no lugar onde moram e também porque as minhas estampas chamam atenção, porque sempre trabalho com mulheres negras, e isso termina encantando as pessoas. E em outras cidades não têm pessoas que façam este trabalho tão singular.

Conte mais sobre este seu desejo da Negrif ser um espaço cultural.

É um espaço onde pudesse ser Sexta das Pretas todos os dias. Um espaço onde eu pudesse agregar tudo o que gosto. Acho que a Negrif de qualquer maneira já tem isso, as pessoas aqui

já fazem novas amizades, a gente sempre se encontra por aqui, sempre bate papo por aqui. Como eu gostei muito de eventos, isso acaba culminando. A loja promove a "Sexta Feira das Pretas", tem a "Sexta Feira do Amarelo", tem oficina de turbante, tem o "Sacola Chic", que é quando alguém me convida para ir até sua casa para vender as roupas. Eu peço para as pessoas escolherem um lugar e juntarem um grupo de amigos onde eu possa ir e levar as peças. Já fui até para o Rio dessa forma, mas faço isso aqui em Salvador também. Tenho algumas clientes que vivem do outro lado da cidade e não tem como se deslocar para o centro, então às vezes elas marcam e eu vou. Geralmente eu levo uma amiga como modelo para experimentar as roupas e acontece dessa forma. É folia. As mulheres estão lá todas sentadas, a modelo veste e desfila para todas e, depois dessa demonstração das roupas começam as compras. Esse é o "Sacola Chic". Eu sempre estou inventando alguma coisa. Eu não gosto da ideia de estar esperando o cliente chegar, eu quero movimento, sempre estou criando alguma coisa.

Conte um pouco sobre as estampas das peças Negrif.

As minhas estampas, que hoje somam mais de 30, são de mulheres negras, com cabelos de várias formas. Cada estampa é nomeada com mulheres de minha família. Black Lígia, Black Epifânia, Black Lourdes, Black Nair. Ainda não tenho uma estampa com o nome de minha mãe. Estou esperando uma estampa muito especial para bater o nome dela. Vou nomeando as estampas e fico feliz com isso.

Quais são os tecidos que mais utiliza?

Sempre fiz muita roupa de tecido. Os vestidos de tecidos têm bolsos enormes. Eu não gostava de roupa de malha porque classifico roupa de malha como uma coisa comum, é modinha, está em toda esquina. Então comprar uma malha e colocar uma estampa é coisa que todo mundo faz. Mas comecei a jogar as minhas estampas e vi que era diferente, então comecei a fazer e hoje eu tenho nas peças de malha o meu carro chefe. O preço é menor e a peça não deixa de mostrar algo que é diferenciado, porque as minhas estampas são grandes. Tenho estampas de até um metro, e isso visualmente causa um impacto.

Onde você compra os tecidos?

Eu olho o tecido e vejo se casa com o perfil do meu público. Sempre que viajo aproveito para comprar tecido e aqui em Salvador eu garimpo e tento buscar o que tem de diferente para fazer as minhas peças.

Você promoveu em 2012 um desfile de crianças lançando a sua primeira coleção voltada para o público infantil. Poderia falar sobre este trabalho?

Foi uma coleção até difícil de "parir", porque eu tive que fazer roupa para criança que não ficasse com cara de adulto. Fiquei pensando em roupa com bichinho, com frutinhas, mas não é essa a proposta da Negrif. Então fiz roupas para crianças com as estampas que uso para os adultos. Para o lançamento da coleção, eu tinha pensando em fazer uma coisa simples, aqui na loja mesmo. O evento cresceu tanto que eu tive que levar para a Praça Tereza Batista no Pelourinho. Tive mais de 5000 crianças inscritas no Facebook para participarem do desfile. Eu só iria selecionar dez crianças para desfilar, mas acabei escolhendo quinze. Cobrei cinco reais pela entrada e mais um brinquedo, e doei esses brinquedos em instituições de caridade. Nunca tinha promovido nada neste sentido social, então gostei muito. O resultado foi tão positivo que estou pensando em fazer de novo. Já estou buscando apoios para tentar fazer o desfile de novo.

O seu interesse por moda afro surgiu na faculdade?

Quando eu cheguei ao meu curso de moda eu na verdade já tinha a minha identidade. Me lembro de uma vez em um trabalho ter ouvido de uma colega que eu só falava de negro. Respondi para ela: "Então, você, que só fala de branco, não é preconceituosa?". Ela, que estava em um patamar de Giselle Bündchen, de fazer roupa em um padrão que fosse ditado da Europa para cá, não estava sendo preconceituosa? E porque eu, que vinha com a minha identidade, era a preconceituosa? Essa fala dela ficou. Eu não queria estar na vala comum. Eu não queria fazer o que estava nas revistas de moda, eu queria ter a minha identidade. E hoje a Negrif tem o seu espaço e não abro mão do que eu faço e também não digo que a minha loja é só para afro descendentes. Passa pela porta de minha loja quem se identifica com as minhas peças. Tanto que se você olhar as fotos do desfile infantil, perceberá que tem várias crianças com a pele clara, porque o concurso estava aberto para todas as crianças, eu não ia julgar e dizer que só queria crianças negras. Eu nunca rotulei, nunca disse quem pode ou não usar as minhas peças, mas a identidade de minha marca é mais afro mesmo. A moda para mim é diversificada, os meus clientes são diversificados.

Quando surgiu a afirmação de sua identidade negra?

Surgiu quando eu nasci negra. Tem gente que adquire isso depois, porque vai para a universidade pública e lá adquire consciência, mas comigo, não foi assim. Eu estudei em

faculdade particular, cresci em bairro de classe média e só fui conhecer o Ilê bem depois. Em minha casa, se dissesse que ia para o Curuzu, perguntariam: "Para onde, menina?". Então isso na minha vida não era uma coisa comum, eu não nasci na Liberdade, não estive envolvida nisso o tempo todo. Mas eu também não era uma negra patricinha, que queria se comportar como se fosse uma branca, alisando cabelo e vestindo uma marca só porque as outras pessoas vestem. Eu nunca fui assim. E as pessoas com quem ando, com quem vivo, não pensam dessa forma também.

Como você acha que o negro de Salvador se enxerga? Você daria algum conselho para pessoas negras que buscam se afirmar na cidade?

O negro de Salvador precisa ser ele, e isso está melhorando com as novas gerações. Para a gente assumir o nosso cabelo custou tempo. Mas ainda existem as mães que alisam o cabelo dos filhos. Uma vez fui procurar emprego e uma colega que trabalhava em uma ótica me disse que lá estava precisando de uma atendente e eu fui. Quando cheguei lá, a mulher olhou para mim e fez assim: "Você? Veio procurar emprego? Assim? Vestida assim? Com este cabelo?". Este exemplo eu sempre dou aos meus alunos e explico que eu era mais nova e não soube dar a resposta para ela, que é essa: hoje eu sou quem eu sou. Uso o meu cabelo do jeito que eu quiser e entro onde eu quiser com o meu cabelo desta maneira, e visto o que eu quiser. Como eu trabalho com comunidade, as meninas só usam aquelas roupas coladas, aquela coisa de sensualizar o corpo, de mostrar as curvas. Quando eu chego com os meus vestidos, elas dizem: "É bonito, mas é muito pano", e eu respondo: "Pois é, quantas roupas não daria para fazer aqui para vocês?". Mas elas terminam conhecendo outro lado. Quase todo mundo que eu conheço já fez de tudo com o cabelo. A sociedade tem mudado, a gente não usou o nosso cabelo *black* desde sempre.

9.3. Entrevista feita com Goli Guerreiro, antropóloga, autora dos livros "A Trama dos Tambores" e "Terceira Diáspora"

Como surgiu a sua identificação com a cultura afro?

Isso está ligado na verdade ao meu nome, inclusive eu incluí isso na nota biográfica do meu livro "Terceira Diáspora". Nessa nota eu falo do meu interesse pelo mundo negro. "Goli" foi a primeira palavra que eu falei, eu achava que era uma onomatopeia e passei a ser chamada de Goli desde pequenininha. E quando eu fui ver a primeira exposição de arte africana que teve no Brasil, em São Paulo, eu vi que Goli era uma máscara da Costa do Marfim. Então eu descobri que o meu nome existia: que era um objeto, que tinha um significado, então busquei colocar oficialmente em meu nome o Goli. Então, a minha relação com a cultura negra nasceu quando descobri que a primeira palavra que eu falei era uma palavra africana. O nome é uma coisa muito forte, é uma relação visceral. E nessa mesma época estava acontecendo a descoberta do samba reggae pelo Brasil e eu estava em São Paulo. Sou soteropolitana e lá comecei a ver um pouco mais de longe tudo isso acontecer. Naquele momento, Salvador era um espetáculo, no sentido da criação cultural, um novo ritmo estava sendo inventado, uma estética afro baiana. Eu estava em São Paulo estudando rock brasileiro e paralelamente estava envolvida com outro imaginário, que era o imaginário soteropolitano, que estava sendo ali reinventado. Então, tudo isso me deixou sabendo que a continuidade do meu trabalho intelectual estaria ligada ao mundo negro. E aí foi quando fiz o meu doutorado sobre a invenção do samba reggae, da estética afro baiana.

Isso foi em que ano?

Publiquei o meu livro "A Trama dos Tambores" sobre o assunto do meu doutorado em 2000. Mas comecei a estudar o assunto em 1994.

E como antropóloga, quando você se aproximou do tema da moda?

A pesquisa sobre a invenção do samba reggae me levou necessariamente à questão estética. Aquele era um signo muito poderoso da criação dessa estética. O uso das cores, retomar os objetos, os adereços, tudo isso fazia parte do processo de reinvenção da afrobaianidade. Eu estava muito ligada no processo cultural de invenção do ritmo e de descrever aquilo através de entrevistas para registrar como tudo isso se passou. Quando eu voltei para Salvador, a editora me disse que o meu trabalho era muito interessante, mas que em termos estéticos era uma

pobreza. Então me despertei para esse outro olhar. Eu era uma acadêmica mais tradicional, digamos assim. Eu achava que eu poderia explicar o outro, dizer como eu estudei, como conversei com as pessoas, como participei, como foi a pesquisa de campo e, na verdade, a questão estética impacta em outras dimensões. Então, o meu trabalho seguinte, o livro "Terceira Diáspora" é muito mais voltado para o impacto estético da produção cultural africana e negro atlântica. Fui cada vez me aproximando mais dessa informação, desse jeito de lidar com o mundo negro. Passei a usar os tecidos africanos, viajei pelos países africanos, onde adquiri objetos e percebi o vigor dessa produção cultural.

O que você percebeu sobre a moda dos países africanos para onde viajou?

No Senegal, o mundo da moda é uma coisa muito forte e ao mesmo tempo muito sofisticada e popular: a moda de lá consegue fazer esse trânsito entre a alta costura e o popular, com a coisa dos mercados, das chapelarias senegalesas. E tudo isso me fascinou muito. Estive em Moçambique também, onde existe a produção das capulanas. Muitas das capulanas contam a história do país, são produzidas para os eventos históricos do lugar. Então a moda do mundo negro está muito ligada a um imaginário cultural. A moda do Ocidente também é uma expressão de nosso imaginário, mas o que ela reproduz muito claramente é o consumo, o mercado, as regras da sociedade de consumo.

Como se daria essa diferença da moda ocidental para a moda afro, em sua opinião?

Por exemplo, se você for ao *shopping center* aqui, você vai encontrar todas as vitrines exatamente com as mesmas cores, com o mesmo formato de roupas, e, mesmo que seu corpo não combine nada com aquilo, você ainda vai desejar ter aquela peça porque se não você vai estar fora de moda. Isso tudo é uma visão muito conservadora do mundo, é uma visão muito ligada a uma questão de consumo. E quando você chega a uma loja de tecidos negros em algum lugar do mundo, você vai encontrar uma variedade de assuntos e de cores que é muito mais criativa, que te sugere um monte de combinações e possibilidades de vestir.

Tiveram outros elementos da moda nesses países que te chamaram atenção quando você visitou esses lugares?

Sim. Uma coisa muito interessante também é o mundo da sapologia, que são os *sapeurs*, uma sociedade de pessoas elegantes. Isso tem toda uma relação histórica com o Ocidente: a sapologia nasceu no Congo e foi trazida por pessoas que nasceram lá, mas que já moraram no Ocidente e gostavam da indumentária ocidental. Só que em determinado momento histórico

essa indumentária foi proibida por um ditador congolês e isso ganhou uma força tamanha que hoje em Paris, por exemplo, você vai encontrar os *sapeurs* mais chiques e mais sofisticados. Então as coisas que são realizadas no continente africano ganham o mundo, elas têm essa capacidade de transitar e de ganhar outras significações em outros lugares. Outra coisa que me chamou muito a atenção também foi quando eu conheci Trinidad e Tobago e fui para um festival que comemorava o fim da escravidão no país. Neste dia em especial eles usam a sua indumentária africana e em todos outros dias é a moda ocidental que domina. Então esse meu deslocamento pelo mundo atlântico foi muito importante para eu perceber o que a moda afro representa.

E o que você acha que ela representa?

São muitos os significados, não há uma única maneira de lidar com isso: há pessoas que usam como afirmação de um código e de pertencimento, e há outras que usam porque acham aquelas cores, aquelas estampas interessantes. Então o motivo pelo qual as pessoas usam as roupas que usam são muito variados. E no Ocidente, a moda afro tem um papel de se diferenciar da moda padrão daqui: você quer ser igual a todo mundo ou você quer se vestir de maneira diferenciada?

Você acredita que em Salvador, especificamente, a moda afro está ligada à questão da resistência, da afirmação?

É o que eu te digo: são muitos os motivos, não tem como concluir que a razão é X. Dependendo da posição da pessoa, de onde ela se insere, qual é o meio social dela, ela terá muitos e diferentes motivos para se vestir daquela forma. Se vestir assim tem a ver com atitude, que não necessariamente está ligada a uma afirmação de uma identidade, mas pode ser um culto à beleza, pode ser um culto a outras culturas. Então há muitos motivos para você se vestir dessa forma e é quase impossível generalizar o uso dessa moda, desse padrão de vestimenta afro – que nem é um só, são muitos. Procurar justamente identificar os diferentes motivos, as diferentes filiações àquela estética é um caminho mais rico do que tentar encontrar uma unidade ou uma identidade. Inclusive, acho que a noção de identidade é profundamente desgastada. O continente africano demonstra cada vez mais a sua imensa variedade interna e sua grande riqueza de produção contemporânea, então essa noção de "identidade negra" empobrece esse entendimento, porque ela é uma fórmula muito antiga que as Ciências Sociais encontraram de ler o mundo. Desde os anos 70 se procura ler o mundo

dessa maneira, então ou a gente reinventa formas de ler o mundo ou a gente vai ficar dizendo as mesmas coisas que todo mundo já sabe.

Mas você acredita que a estética afro possui algumas características que a definem? Quais seriam elas?

Sim, acredito. Acho que a primeira coisa é a atitude. Por exemplo, essa estilista que tem uma loja de moda afro na Carlos Gomes, a Najara Black: ela não necessariamente usa tecidos e padrões africanos, mas faz camisetas com frases de efeito e isso é uma atitude que faz parte de uma moda muito atual, juvenil. Tem outras estilistas que trabalham com o corte mais tradicional e há aí outro tipo de mensagem. Há também outras pessoas que compram o tecido e fazem uma moda mista, inspirada em várias influências, que fazem o modelo ocidental em um tecido africano. Há também a indumentária religiosa. Então há tudo isso em cena.

Você acredita que a moda afro aqui em Salvador está mais ligada ao tradicional e ao religioso?

Eu acho que tem todas essas coisas que citei aqui. Salvador é uma cidade cosmopolita, então você vai encontrar muitas maneiras de ser e de estar no mundo e essa variedade toda também se manifesta no mundo afro. Claro que, no caso de Salvador, se chamou mais a atenção para essa indumentária religiosa, afinal de contas o candomblé é uma religião inventada aqui. Inventar uma religião é uma coisa muito poderosa e isso repercute aqui no uso do branco nas sextas feiras – apesar dessa ser uma tradição muçulmana, mas o Islã já tinha entrado na África há muito tempo quando os africanos chegaram aqui, muitos deles já eram muçulmanos–, no uso das contas, que são signos afro, no uso do turbante, que também é um hábito da religião muçulmana. Então existem todas essas e outras formas. E acho que buscar por uma unidade acaba empobrecendo o processo.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Slides da apresentação do projeto para a Banca de Avaliação do TCC

A Moda Afro em pauta no Webdoc



Negociações de sentidos da estética
diaspórica a partir de uma narrativa multimídia

1. Apresentação do projeto

Esta realização pretende mostrar através de um webdocumentário a Moda Afro presente em Salvador: suas características, produções, interferências e seus adeptos.

2. Formato

2.1 Webdocumentário – Definição

O webdocumentário, ou webdoc, é uma forma de documentário baseada em uma plataforma web que reúne conteúdo multimídia sobre um tema de maneira interativa.

2. Formato

“Par le néologisme « webdocumentaire », nous désignons un documentaire dont la conception et la réalisation sont faites pour le Web et qui est diffusé sur le Web. Il ne s'agit pas d'un documentaire dans sa forme télévisuelle ou cinématographique, à la narration linéaire, qui trouverait sur Internet un énième espace de diffusion, mais une sorte de prolongement de ce que furent le CD-ROM ou le DVD-ROM : une œuvre utilisant les technologies du Web et ses différentes ressources multimédias”.

Webdoc.fr. Narrations connectées, multimédia et interactives. In: Reflexions: Qu'est-ce que le webdocumentaire? Disponível em <http://webdocu.fr/web-documentaire/2011/03/07/que-%E2%80%99est-ce-que-le-webdocumentaire/>

2. Formato

2.2 Por que realizar um webdoc?

- a) Natureza não ficcional do gênero e a aproximação com a realidade
- b) Conteúdo na web e a possibilidade de atingir um grande número de receptores
- c) Grande interatividade entre a obra e o leitor
- d) A não-linearidade e o caráter inovativo do gênero

3. Tema

3.1 Por que Moda Afro?

- a) Pouco conteúdo produzido sobre o tema
- b) Noção de Moda Afro em Salvador ainda é bastante vaga
- c) A Moda Afro seria uma moda diferenciada da moda ocidental?

3. Tema

3.1 Por que Moda Afro?

- a) Pouco conteúdo produzido sobre o tema
- b) Noção de Moda Afro em Salvador ainda é bastante vaga
- c) A Moda Afro seria uma moda diferenciada da moda ocidental?

3.3 Entrevistados



Izabel Melo,
historiadora

Goli Guerreiro,
antropóloga



Madalena Bispo,
designer de moda

Tati Nanasi,
assistente social



Najara Black,
designer de moda



4. Estrutura da realização

4.1 Conteúdo

- Curtas metragens documentais
- Fotografias
- Entrevistas em forma de texto

4. Estrutura da realização



Curtas do webdoc *New York Minute*

4. Estrutura da realização

4.2 Colaboração e participação do internauta

- Página de discussões – Fórum
- Página colaborativa – galeria de fotos

4. Estrutura da realização

4.3 Interatividade

“Embora a forma de base de dados possa ser inerente às novas mídias, tentativas incontáveis de criar “narrativas interativas” demonstram o nosso descontentamento com o computador na função única de ser uma enciclopédia ou um catálogo de efeitos. Nós queremos narrativas midiáticas novas, e nós queremos que estas narrativas sejam diferentes das narrativas que nós vimos ou lemos antes. Na verdade (...) nós esperamos que as narrativas computadorizadas apresentem possibilidades estéticas novas que não existiam antes dos computadores digitais”.

MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001

4. Estrutura da realização

4.3 Interatividade

- Narrativa cartográfica
- Escolha do conteúdo a ser acessado: vídeos, fotos ou textos
- Construção da narrativa ao modo do receptor – não há linearidade ou um curso da história pré-estabelecido

4. Estrutura da realização



Narrativa cartográfica do webdoc *Femmes au travail em Algérie*

5. Público e Acesso

□ Público Alvo

Qualquer usuário de internet do mundo que tenha interesse em acessar o conteúdo.

□ Acesso

O acesso será facilitado por meio de tradução dos textos do site para o inglês e inclusão de legendas nesta mesma língua nos curtas.

6. Planejamento e Execução

6.1 Cronograma de execução

ATIVIDADES	1º MÊS	2º MÊS	3º MÊS	4º MÊS	5º MÊS
Novo levantamento de fontes	x				
Produção de roteiro de filmagens	x				
Primeira parte das filmagens		x			
Análise do material coletado			x		
Segunda parte das filmagens				x	
Análise do material coletado					x
Edição e finalização dos vídeos (primeira parte)					x

6. Planejamento e Execução

6.1 Cronograma de execução

ATIVIDADES	6º MÊS	7º MÊS	8º MÊS	9º MÊS	10º MÊS
Edição e finalização dos vídeos (segunda parte)	x				
Produção do layout do site		x			
Programação do site			x	x	
Ajustes finais no site					x
Publicação e divulgação do site					x

6. Planejamento e Execução

6.2 Orçamento

Descrição	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
Assistente de produção	01 profissional / três meses de trabalho	R\$ 1.000,00	R\$ 3.000,00
Fotógrafo ou cinegrafista	01 profissional / dois meses de trabalho	R\$ 2.000,00	R\$ 4.000,00
Edição dos vídeos	01 profissional / dez curtas	R\$ 300,00	R\$ 3.000,00
Design do site	01 profissional / 01 website	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Programação do site	01 profissional / 01 website	R\$ 3.000,00	R\$ 3.000,00
Total			R\$ 15.000,00

6. Planejamento e Execução

6.3 Próximos passos

- Captação de recursos
- Início das filmagens

“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração”

Nelson Mandela